

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril



Mestrado em Turismo

Ramo de Planeamento e Gestão em Turismo de Natureza e  
Aventura

Um solstício com potencial turístico; o espírito das  
saturnais no inverno transmontano

Ana Raquel Pinto Vaz das Neves

Dezembro – 2015

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril



Mestrado em Turismo

Ramo de Planeamento e Gestão em Turismo de Natureza e Aventura

Um solstício com potencial turístico; o espírito das saturnais no  
inverno transmontano

Dissertação apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do  
Estoril para a obtenção do grau de Mestre em Turismo, Especialização em  
Planeamento e Gestão em Turismo de Natureza e Aventura

Orientador científico: Professor Doutor Luís Portugal

Coorientador científico: Professora Especialista Gabriela Carvalho

Ana Raquel Pinto Vaz das Neves

Dezembro – 2015

## TEXTO EVOCATIVO

*Vou falar-lhes dum Reino Maravilhoso. Embora muitas pessoas digam que não, sempre houve e haverá reinos maravilhosos neste mundo. O que é preciso, para os ver, é que os olhos não percam a virgindade original diante da realidade e o coração, depois, não hesite. Ora, o que pretendo mostrar, meu e de todos os que queiram merecê-lo, não só existe como é dos mais belos que se possam imaginar.*

Miguel Torga

*A grandeza e a significação das coisas resultam do grau de transcendência que encerram. Só essa qualidade impalpável, luminosa, halo do aparente que as materializa, lhes dá perenidade.*

Miguel Torga

## **AGRADECIMENTOS**

Para que este trabalho fosse possível e chegasse a bom porto, a colaboração e incentivos de um conjunto de pessoas tornaram-se indispensáveis. A tais pessoas, embora não sendo nomeadas, aqui ficam os meus agradecimentos.

Agradeço ao Professor Doutor Luís Portugal e à Professora Especialista Gabriela Carvalho todo o acompanhamento na respetiva Orientação e Coorientação sempre sábia e exigente, as observações sempre pertinentes, o apoio, o empenho, a paciência, a disponibilidade sempre prestada e as palavras de incentivo e motivação, o que permitiu a conclusão deste trabalho.

Agradeço também a atenção que me dispensaram, o rumo e as diretrizes a tomar nas horas de trabalho, a prontidão em ajudar e esclarecer todas as dúvidas e toda a boa vontade que sempre demonstraram.

Um agradecimento muito especial e grandioso aos meus Pais e Avós por me acompanharem sempre nas etapas da vida, por estarem sempre ao meu lado, pelo seu olhar atento e sagaz. Por todo o AMOR.

Expresso a minha gratidão a todos os que tornaram possível a realização deste trabalho.

## **RESUMO**

Com esta dissertação intenta-se divulgar como os rituais e as tradicionais festividades dos “caretos” se conservam de uma forma bem viva nas aldeias do Nordeste Transmontano, assim como estas festividades podem ser um potencial fator de atração turística e de desenvolvimento sustentável das mesmas.

Por se tratar de uma região com inúmero património cultural, etnográfico, natural e paisagístico pretende estudar-se a possibilidade de potenciar o turismo cultural, com recurso aos rituais festivos, e ajudar na dinamização da atividade turística da região, contribuindo para a sua divulgação, projeção e lançamento da imagem da região tanto do ponto de vista nacional como internacional. Trata-se de um aspeto significativo ao auxílio do crescimento turístico na região de Trás-os-Montes, por se ampliar e diversificar a oferta de produtos particularmente no constituinte a produtos de turismo cultural.

O presente trabalho ambiciona demonstrar, através de uma viagem descritiva em primeiro lugar, aliciando e cativando posteriormente para a possibilidade de vivenciar, o que de verdadeiro, único e autêntico prevalece e se faz sentir na região aquando do solstício de inverno. Este trabalho alude às diversas potencialidades da região e está vocacionado para o turismo cultural segmentado na vertente étnica, mística e esotérica.

Pretende-se, assim que se apresente como um fator impulsionador a uma deslocação ao “reino maravilhoso”.

**PALAVRAS-CHAVE: TURISMO CULTURAL; EVENTOS; NORDESTE TRANSMONTANO; TRADIÇÃO, RITOS; CARETOS; REINO MARAVILHOSO**

## **ABSTRACT**

The objective of this dissertation is to divulge how the rituals and the traditional festivities of “*caretos*” are perpetuated in the small villages of the *Nordeste Transmontano*. Also, it is shown how these festivities may be a potential vector of touristic attractiveness and sustainable development of this region.

Considering that the region of the *Nordeste Transmontano* has a higher cultural, ethnographic, natural and landscape heritage, it is our objective to study the possibility of potentiate the cultural tourism, making use of the ritual festivities, dynamizing the touristic activity of the region; and to contribute to the divulgation, projection, and launch of the image of the region nationally and internationally. This is a significant aspect for the development of the tourism in the region of the *Trás-os-Montes*, in the sense that amplifies and broad the offer of products, especially cultural tourism products.

The present work aims to present through a descriptive travel what the most truthful, unique and authentic prevails and may be experienced in this region during the winter solstice, with the purpose of attracting and captivating for the visit. This work makes reference to the several potentialities of the region of *Trás-os-Montes*, and it is inserted in the cultural tourism, segmented in the ethnic, mystic, and esoteric dimension.

This work is to be presented as a vector of promotion to visit the “wonderful kingdom”.

**KEY WORDS: CULTURAL TOURISM; EVENTS; NORDESTE TRANSMONTANO; TRADITION; RITES; “CARETOS”; “WONDERFUL KINGDOM”.**

## GLOSSÁRIO E LISTA DE ABREVIATURAS

**Arrematada** – Comprada definitivamente.

**Cajoto** – pau grosso, que os “caretos” usam para com ele deambular, saltar e fazer as mais variadas tropelias; espécie de bengala.

**Caretos** – rapazes que se mascaram e vestem de maneira especial, de acordo com os hábitos e tradições de cada aldeia. Os seus fatos são da sua propriedade ou de particulares que lhes emprestam, são feitos de colchas de lã, elaboradas no tear, com franjas e um capucho com um rabo pendurado. Na mão sustêm um cajoto, à volta do corpo ostentam bandoleiras com chocalhos pendurados e na cara levam uma máscara feita de madeira, metal, latão pintado, couro, pele, cortiça ou palha.

**Chocalhar** – espécie de dança erótica, os “caretos” aproximam-se e abraçam as raparigas onde, nas ancas das mesmas, fazem embater os chocalhos que trazem pendentes à cintura.

**Comédias** – também conhecidas como “colóquios” ou “loas”, são quadras satíricas proclamadas por um “careto”, em praça pública. Podem ser acompanhadas de representação teatral.

**Corrida à rosca** – prova de resistência física dos moços iniciados.

**Galhofas** – Dependendo da localidade onde se realizam, pode ser o animado baile que se estende noite dentro ou as lutas simuladas entre os rapazes, cujo objetivo é imobilizar o adversário.

**Meirinho** – Juiz.

**OMT** – Organização Mundial de Turismo.

**PNM** – Parque Natural de Montesinho.

**Ramos** – estrutura de madeira coberta com as dádivas dos moradores.

**Refeições comunitárias** – existem dois tipos, as exclusivistas e as generalistas. Nas primeiras só participa quem está diretamente envolvido na festa. Nas generalistas o melhor exemplo é a Mesa de Santo Estêvão, na qual toda a população pode participar.

**Rosca** – tradicional e típico pão doce.

**Rondas** – visitas cerimoniais que ocorrem em várias festas. Conforme a festa ou a ronda, podem ser momentos de alegria ou de maior disciplina. Existem vários tipos de rondas. As noturnas são transgressoras e limitam-se às casas dos rapazes envolvidos na festa. As de

Alvorada visam juntar todos os rapazes da comunidade e servem para penalizar aqueles que não compareceram na ronda de alvorada.

**TFT** – Terra Fria Transmontana.



# ÍNDICE GERAL

<b>TEXTO EVOCATIVO .....</b>	<b>III</b>
<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>IV</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>V</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>VI</b>
<b>GLOSSÁRIO E LISTA DE ABREVIATURAS.....</b>	<b>VII</b>
<b>ÍNDICE GERAL.....</b>	<b>IX</b>
<b>ÍNDICE DE FIGURAS .....</b>	<b>XII</b>

<b>PARTE I – CONCETUALIZAÇÃO DO ESTUDO.....</b>	<b>1</b>
---	----------

<b>CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO .....</b>	<b>2</b>
--------------------------------------	----------

1.1 ENQUADRAMENTO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA .....	2
1.2 OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO .....	3
1.3 PREMISSAS .....	3
1.4 PROBLEMÁTICA DA INVESTIGAÇÃO .....	4
1.5 METODOLOGIA DA PESQUISA .....	4
1.6 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO .....	5

<b>PARTE II – CAMPOS DE INVESTIGAÇÃO.....</b>	<b>7</b>
---	----------

<b>CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E CONCETUAL .....</b>	<b>8</b>
--	----------

2.1 TURISMO, CULTURA, DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE .....	8
2.1.1 <i>Turismo – breve concetualização</i> .....	8
2.1.2 <i>Turismo cultural</i> .....	9
2.1.3 <i>Desenvolvimento turístico sustentável</i> .....	11
2.2 CONCEITO DE EVENTOS .....	14
2.2.1 <i>Classificação e tipologia de eventos</i> .....	15
2.3 EVENTOS CULTURAIS .....	17

2.4 TURISMO DE EVENTOS .....	18
 <b>PARTE III – ESTUDO DE CASO: O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO SUSTENTÁVEL DAS ALDEIAS TRANSMONTANAS A PARTIR DAS FESTAS CULTURAIS E TRADICIONAIS BASEADAS NA FIGURA DOS “CARETOS”.....20</b>	
<b>CAPÍTULO III – O TERRITÓRIO: BRAGANÇA E VINHAIS – DOIS CONCELHOS INSERIDOS NA PROVÍNCIA TRANSMONTANA .....21</b>	
3.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E ACESSIBILIDADES .....	21
3.2 CARACTERIZAÇÃO FÍSICA E GEOGRÁFICA .....	22
3.3 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÓMICA.....	24
3.4 CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA, PATRIMONIAL E CULTURAL.....	25
3.4.1 Património evocativo.....	27
 <b>CAPÍTULO IV – AS FESTAS CULTURAIS E TRADICIONAIS BASEADAS NA FIGURA DOS “CARETOS” .....29</b>	
4.1 RITUAIS E FESTIVIDADES, ENQUADRAMENTO HISTÓRICO .....	29
4.2 O CICLO DOS RITUAIS FESTIVOS DE INVERNO .....	32
4.3 OS “CARETOS” COMO FIGURA ESSENCIAL DAS FESTIVIDADES: CARACTERIZAÇÃO E FUNÇÕES .....	34
4.3.1 O traje.....	38
4.3.2 A máscara .....	39
4.4 O SAGRADO E O PROFANO EXPRESSO NOS RITUAIS E TRADIÇÕES .....	41
4.5 FESTA DOS RAPAZES .....	43
4.5.1 A Festa dos Rapazes de Aveleda.....	46
4.5.2 A Festas dos Rapazes de Varge .....	48
4.6 FESTA DE SANTO ESTÊVÃO .....	50
4.6.1 A Festa de Santo Estêvão de Ousilhão .....	51
4.6.2 A Festa de Santo Estêvão de Grijó (Parada) .....	58
4.7 FESTAS DOS REIS .....	59
4.7.1 A Festa dos Reis de Baçal .....	60
4.7.2 A Festa dos Reis de Salsas .....	61

4.8 FESTAS DE CARNAVAL .....	62
4.8.1 A Festa de Carnaval de Vila Boa (Ousilhão) .....	63
<b>PARTE IV – CONCLUSÃO DO ESTUDO DE CASO .....</b>	<b>66</b>
<b>CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>72</b>

# ÍNDICE DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b>   ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO .....	5
<b>FIGURA 2</b>   LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO NORDESTE TRANSMONTANO .....	21
<b>FIGURA 3</b>   OS “CARETOS” EM BRINCADEIRAS .....	37
<b>FIGURA 4</b>   O TRAJE E OS ADEREÇOS DOS “CARETOS” .....	39
<b>FIGURA 5</b>   A MÁSCARA DOS “CARETOS” .....	40
<b>FIGURA 6</b>   LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE AVELEDA .....	46
<b>FIGURA 7</b>   AS COMÉDIAS .....	47
<b>FIGURA 8</b>   AS LOAS .....	48
<b>FIGURA 9</b>   A RONDA DE BOAS FESTAS .....	49
<b>FIGURA 10</b>   LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE OUSILHÃO .....	52
<b>FIGURA 11</b>   O REI E OS VASSAIS .....	53
<b>FIGURA 12</b>   OS MOÇOS, O GAITEIRO E OS TAMBORILEIROS.....	54
<b>FIGURA 13</b>   OS MÁSCAROS DE OUSILHÃO.....	55
<b>FIGURA 14</b>   TRANSPORTE DO REI E VASSAIS PELOS MÁSCAROS .....	56
<b>FIGURA 15</b>   TRANSMISSÃO DOS PODERES .....	57
<b>FIGURA 16</b>   LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE GRIJÓ (PARADA).....	58
<b>FIGURA 17</b>   CORRIDA À ROSCA .....	59
<b>FIGURA 18</b>   LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE BAÇAL .....	60
<b>FIGURA 19</b>   OS COLÓQUIOS .....	60
<b>FIGURA 20</b>   LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE SALSAS .....	61
<b>FIGURA 21</b>   CONVÍVIO COM OS “CARETOS” .....	61
<b>FIGURA 22</b>   “CARETO” DE SALSAS.....	62
<b>FIGURA 23</b>   LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE VILA BOA (OUSILHÃO) .....	63
<b>FIGURA 24</b>   OS MÁSCARAS DE VILA BOA (OUSILHÃO) .....	64
<b>FIGURA 25</b>   OS MÁSCARAS ANIMANDO O CARNAVAL NA ALDEIA .....	65

## **PARTE I – CONCETUALIZAÇÃO DO ESTUDO**

# CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

## 1.1 ENQUADRAMENTO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Torre (1992, p.19) refere que:

o turismo é um fenómeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, económica e cultural.

Atualmente, o turismo é visto como uma atividade económica que movimenta milhões de pessoas. Mas, também como uma indústria que gera e transaciona um elevado volume de negócios a nível mundial, visto a sua ligação e dependência com setores como o transporte, a hotelaria, a restauração, a cultura e o lazer.

O turismo em Portugal está maioritariamente concentrado no produto “sol e mar” apesar de nos últimos anos ter sido notório o esforço concertado em desenvolver outros produtos que, em função da sua quota de mercado e potencial crescimento, bem como da aptidão e potencial competitivo em Portugal, integraram o Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT).

Um dos produtos selecionados foi o *touring* cultural e paisagístico, no qual deverá assentar uma política de desenvolvimento e de diversificação da oferta turística.

Após várias reflexões sobre determinadas teorias objeto de investigação para a dissertação surgiu então a ideia.

Por pertencer a um lugar imaterializado metaforicamente de “Reino Maravilhoso” – assim denominado por um transmontano que sempre prezou as suas raízes, Miguel Torga, – onde os invernos são mágicos e ricos em manifestações culturais, detentores de figuras enigmáticas – os “caretos” – que transformam, dão alegria e vivacidade aos lugares que os viram nascer, bem como aos lugares por onde passam e por constatar que as pessoas pouco conhecem sobre este Trás-os-Montes, sobre as suas gentes, crenças, tradições, festividades, rituais, quer isto dizer, a sua identidade e autenticidade, surgiu a grande vontade de dar a conhecer esta cultura.

A presente dissertação pretende assim, abordar e divulgar os rituais e as festividades transmontanas baseadas na figura dos “caretos”, bem como refletir sobre a importância das mesmas para o desenvolvimento turístico sustentável das aldeias do Nordeste Transmontano.

Estas questões servem como fio condutor da investigação e remetem para a análise de três vertentes de abordagem, sendo elas a etnográfica, a cultural e a turística, possibilitando assim responder à problemática em questão.

Para tal foi analisada bibliografia especializada e deu-se atenção a artigos e obras relacionados com o tema.

## **1.2 OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO**

Pretende-se com esta dissertação, e como objetivo geral, divulgar como os rituais e as tradicionais festividades dos “Caretos” se conservam de uma forma bem viva nas aldeias do Nordeste Transmontano, assim como estas festividades podem ser um fator potencial de atração turística e de desenvolvimento sustentável das mesmas.

Neste sentido, como objetivos específicos e assentes nas vertentes, etnográfica, cultural e turística pretende-se:

- ✓ Promover e reconhecer as tradições e festividades Transmontanas detentoras da figura dos “Caretos”;
- ✓ Caracterizar o Nordeste Transmontano;
- ✓ Identificar territorialmente os lugares das manifestações dos “Caretos”;
- ✓ Tornar estas manifestações populares numa imagem de marca;
- ✓ Difundir e incentivar ao desenvolvimento de um recurso turístico como fator de diversificação e ampliação da oferta turística da região.

## **1.3 PREMISSAS**

A presente dissertação foca-se nas seguintes premissas:

- ✓ A região do Nordeste Transmontano é uma das regiões do país com grande potencial de turismo cultural/etnográfico;
- ✓ O turismo cultural, segmentado na vertente étnica, mística e esotérica está em desenvolvimento e regiões com particularidades culturais, etnográficas e tradicionais como as do Nordeste Transmontano expõem um distinto potencial para ampliar a sua procura como destino desta tipologia de turismo;
- ✓ A difusão e implementação deste recurso turístico na região em estudo torna-se importante para incentivar e promover o desenvolvimento turístico sustentável e contribuir para a diversificação e ampliação da oferta turística do território, visando um melhor conhecimento desta cultura;
- ✓ A evolução deste tipo de estímulos e impulsos, visando a dinamização da região e o aumento da captação de um maior número de turistas/visitantes, impulsionará o estímulo

de diversas instituições públicas e privadas, garantindo assim uma eficaz promoção da região, podendo destacar o seu real valor e importância.

## **1.4 PROBLEMÁTICA DA INVESTIGAÇÃO**

Tal como supramencionado, o presente trabalho subordina-se ao tema do turismo cultural, analisando como caso de estudo as rituais e tradicionais festividades Transmontanas detentoras das enigmáticas figuras dos “Caretos”.

Neste sentido, o presente estudo pretende auxiliar na resposta à seguinte pergunta de partida:

- ✓ Qual a importância das festividades culturais e tradicionais baseadas na figura dos “Caretos” para o desenvolvimento turístico sustentável das aldeias do Nordeste Transmontano detentoras destas figuras enigmáticas.

Determinada a pergunta de partida, julga-se assim apropriada a elaboração desta investigação, conduzindo a considerações finais e respondendo a esta indagação.

## **1.5 METODOLOGIA DA PESQUISA**

A primeira etapa consistiu em determinar a pergunta de partida, a qual sustentou a investigação levada a cabo, promovendo assim um conjunto de ações desencadeadas a partir desta.

Considerando o método dedutivo e com o objetivo de alcançar as premissas expostas, bem como a resposta à hipótese colocada, o segundo ponto de partida para a composição do presente trabalho recaiu no levantamento do estado da arte das áreas relevantes para a dissertação, particularmente no que se refere ao turismo, turismo cultural, eventos e aos eventos culturais como fator de crescimento. Foi ainda efetuada uma abordagem ao desenvolvimento turístico sustentável de forma a demonstrar como a implementação dos seus princípios acarretam inúmeras potencialidades para o progresso de determinadas regiões. Para tal, recorreu-se a leituras através da revisão bibliográfica aprofundando os conhecimentos que sustentam a investigação, visando assegurar a qualidade da problemática.

Posterior a este levantamento, seguiu-se a caracterização do território em estudo, focando as suas potencialidades e recursos viáveis de uma inclusão e associação ao fator potencial de atração turística aqui divulgado.

Sintetizando as ideias principais, através do balanço das leituras, bem como do desenvolvimento da avaliação de informação reunida, incidentes na revisão bibliográfica, versou-se sobre a realidade a estudar, fundamentando e abordando a problemática estabelecida.

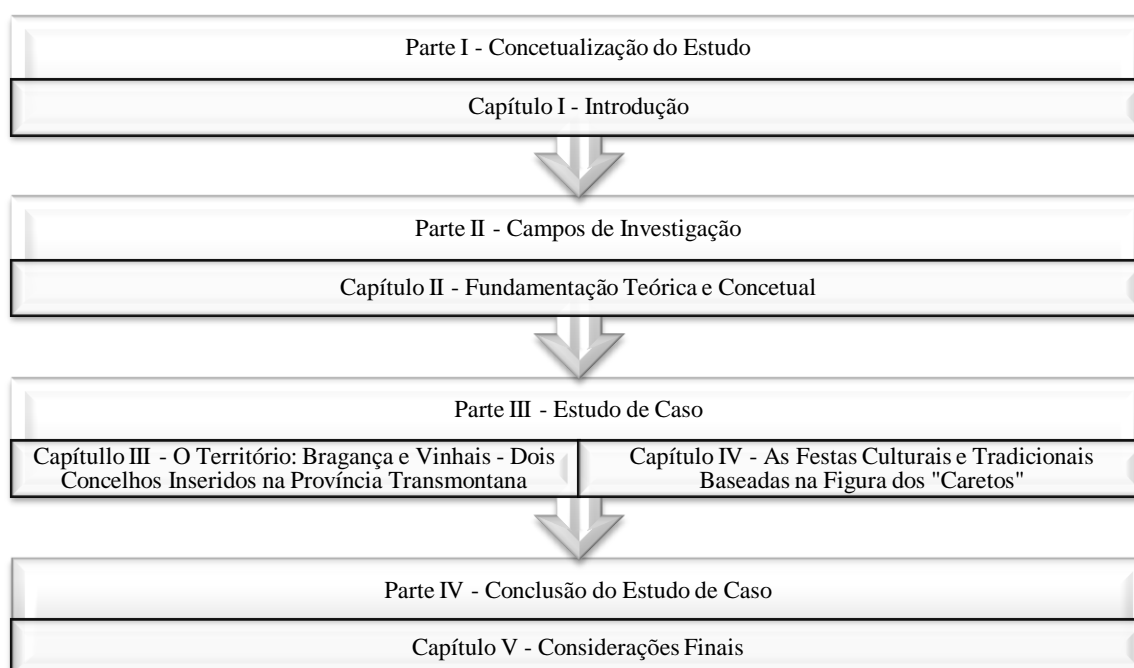


Assim, de seguida procedeu-se à apresentação e caracterização dos rituais e das tradicionais festividades dos “Caretos” levadas a cabo nas aldeias do Nordeste Transmontano.

Na fase seguinte, refletindo sobre o fio condutor da investigação, conclui-se e atesta-se como estas festividades são uma forma de destaque e um verdadeiro fator de atração turística para a região.

## 1.6 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação é composta por quatro partes nas quais se inserem cinco capítulos (figura 1).



**Figura 1** | Estrutura da dissertação

A primeira parte, composta pelo primeiro capítulo, é constituída pela introdução, onde se apresenta o enquadramento e contextualização do tema, os objetivos da investigação, as premissas, a problemática da investigação, a metodologia da pesquisa e a estrutura da dissertação.

Na segunda parte, campos de investigação, que engloba o segundo capítulo é efetuado um levantamento do estado de arte nas áreas relevantes para a dissertação, particularmente no que se refere ao turismo, ao turismo cultural, ao desenvolvimento turístico sustentável, aos eventos, à classificação e tipologia de eventos, aos eventos culturais e ao turismo de eventos.

A terceira parte, referente ao estudo de caso, é constituída pelos capítulos três e quatro onde é apresentado o território de aplicação, o Nordeste Transmontano, realçando as características e potencialidades do mesmo, bem como a apresentação e divulgação das tradicionais festividades dos “caretos” nas aldeias da região.

A quarta parte, conclusão do estudo de caso, engloba as considerações finais, onde se conclui e atesta como as festividades aqui apresentadas poderão ser uma forma de destaque e um verdadeiro fator de atração e desenvolvimento turístico para a região.

## **PARTE II – CAMPOS DE INVESTIGAÇÃO**

## CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E CONCEITUAL

*Turismo – sensação mágica de viajar, de experimentar “algum lugar diferente do lar”, lazer, conhecer, ver novas culturas, novas terras, ver o não imaginado, sair do rotineiro, descobrir-se a si mesmo. Sair do dia a dia é reservar forças, é adquirir novas energias, é sentir que o mundo é grande, mas as descobertas, a tecnologia o fizeram pequeno.*

Eliane Pires

### 2.1 TURISMO, CULTURA, DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE

#### 2.1.1 Turismo – breve conceitualização

O termo “Turismo” nasceu da palavra inglesa *tour*, que significa “viagem” ou “excursão”, compreende a deslocação a um certo número de localidades e destina-se a uma visita em lazer ou negócios. O vocábulo *touring* destina-se às viagens por prazer e às que denotam características culturais ou desportivas (Marques, 2007).

Conforme diversos autores que abordam este assunto, o conceito de turismo é um tema muito controverso. O turismo associa-se a viagens, contudo, nem todas as viagens são consideradas como turismo.

Sendo o turismo um sistema complexo, uma vez que envolve diferentes setores de atividade e abordagens de vários tipos como, cultural, psicológico, sociológico, económico, geográfico e tecnológico, dificulta uma definição universal.

Para Beni (1998) citado em Pires (2004, p.16) o turismo representa:

um conjunto de recursos naturais e culturais que, em sua essência, constituem a matéria-prima da atividade turística porque, na realidade, são esses recursos que provocam a afluência de turistas. A esse conjunto agrega-se os serviços produzidos para dar consistência ao seu consumo, os quais compõem os elementos que integram a oferta no seu sentido amplo, numa estrutura de mercado.

No entender de Pires (2004, p.31) o turismo:

significa viajar para longe da nossa origem, dos nossos lares, para moradas que não são as nossas, mas que foram construídas especificamente para nós, turistas. O mundo é um palco, e nós implacavelmente procuramos satisfazer nosso desejo, avançando através do globo para experimentar esses “outros” – culturas, natureza, panoramas, sons e cheiros – para ver cenários incomuns, para explorar o desconhecido, o estranho, o “mágico” – o não aqui.

O conceito de referência tendo em conta os fins estatísticos, provém de 1999 da Organização Mundial do Turismo (OMT), segundo a qual remete para:

as atividades realizadas pelos visitantes durante as suas viagens e estadas em lugares distintos do seu ambiente habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a 12 meses, com fins de lazer, negócios ou outros motivos não relacionados com o exercício de uma atividade remunerada no local visitado (Turismo de Portugal, 2008, p.18).

O turismo é considerado dos fenómenos mais significativos da era da globalização e da sociedade pós-industrial. Como “fenómeno económico e social reflete os avanços e as conquistas da humanidade mas como ato voluntário do homem determina e caracteriza o modo de vida das sociedades modernas.” (Cunha, 2006, p.67).

É essencial evidenciar a que facto se refere quando se fala em turismo pois, apesar da sua dimensão, de estar presente na vida das pessoas e de ser uma expressão de recurso constante, nem sempre é empregue no mesmo contexto pois, muitas vezes a sua utilização é captada de forma distinta por diferentes pessoas. Por vezes, se a definição de turismo abrange apenas as questões relacionadas com a recreação de quem está num ambiente distinto ao da sua residência, por outras, incluem-se nela uma vasta dimensão de situações mais variadas mas com elementos comuns (Cunha, 2006).

Atualmente, o turismo é visto como uma atividade económica que movimenta milhões de pessoas. Mas, também como uma indústria que gera e transaciona um elevado volume de negócios a nível mundial, tendo em vista a sua ligação e dependência com setores como o transporte, a hotelaria, a restauração, a cultura, o lazer e a agricultura (Silvano, 2006).

### **2.1.2 Turismo cultural**

Segundo Ashworth (1995) citado em Pires (2004, p.35) o turismo encontra-se associado a cultura no ““sentido do lugar” (atmosfera, gastronomia, folclore, exotismo, etc.)”. Este ponto de vista inclusivo associa o conceito de cultura a toda a natureza de manifestações e costumes, admitindo as particularidades dessas expressões. Observando esta ligação, depreende-se que todo o turismo é cultura, “pois toda deslocação de pessoas, para um lugar distinto da sua residência, proporciona o acesso a novas experiências, encontros e conhecimentos.” (Pires, 2004, p.35). Este vínculo entre turismo e cultura é devido à ““culturalização da sociedade” e a “culturalização das práticas turísticas”, fenómenos que conjugados deram origem à “cultura do turismo”” (Pires, 2004, p.35).

Referente a esta tipologia de turismo, a OMT (1985) citado em Pires (2004, p.35) preconizou duas definições, uma mais vasta que realça o turismo cultural como “toda a viagem que pela sua

natureza satisfaz a necessidade de diversidade, de ampliação de conhecimento, que todo o ser humano traz em si”, enquanto a mais delimitada circunscreve a “viagem por motivos unicamente culturais ou educativos”.

A definição de turismo cultural é suplementada por vários autores. Como tal, para Pelletier (1991) citado em Pires (2004, p.36) o turismo cultural é o “reencontro entre duas lógicas. Uma que desenvolve as capacidades de acolhimento e estadia, a outra que valoriza os conteúdos, a aprendizagem do lugar natural, do património e dos homens”. No entender de Pedrosa (1997) citado em Pires (2004, p.36) o turismo cultural unifica a “ideia de viajar e visitar a um acto de conhecimento que nos é proporcionado pelo encontro direto e pessoal com diversas expressões de cultura de um povo ou país”. Aos olhos de Craik (1997) citado em Pires (2004, p.36) este tipo de turismo considera as “excursões frequentes a outras culturas e lugares para aprender acerca dos povos, estilos de vida, património e artes, representantes genuínos dessa cultura e dos seus contextos históricos”.

Segundo o Ministério do Turismo do Brasil (s.d.):

o Turismo Cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do património histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura. Consideram-se património histórico e cultural os bens de natureza material e imaterial que expressam ou revelam a memória e a identidade das populações e comunidades. São bens culturais de valor histórico, artístico, científico, simbólico, passíveis de se tornarem atrações turísticas: arquivos, edificações, conjuntos urbanísticos, sítios arqueológicos, ruínas, museus e outros espaços destinados à apresentação ou contemplação de bens materiais e imateriais, manifestações como música, gastronomia, artes visuais e cénicas, festas e celebrações. Os eventos culturais englobam as manifestações temporárias, enquadradas ou não na definição de património, incluindo-se nessa categoria os eventos gastronómicos, religiosos, musicais, de dança, de teatro, de cinema, exposições de arte, de artesanato e outros.

Perante a abrangência de características e conceitos aludidos ao desígnio de turismo cultural, o Ministério do Turismo do Brasil (2008, p.16) resume esta tipologia de turismo como a que “compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do património histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” e numa definição mais diminuta afirma que o turismo cultural se “materializa quando o turista é motivado a se deslocar especialmente com a finalidade de vivenciar aspetos e situações que podem ser considerados particularidades da cultura” (Ministério do Turismo do Brasil, 2008, p.13).

Acresce ainda que os movimentos estimulados por interesses étnicos, místicos, esotéricos, religiosos e cívicos são compreendidos como segmentos específicos do turismo cultural (Ministério do Turismo do Brasil, 2008)

Os motivos de viagem deste tipo de turismo, estão relacionados com o desejo de ver e conhecer coisas novas, de aumentar conhecimentos, conhecer as particularidades e os hábitos doutras populações, conhecer civilizações e culturas distintas, assim como a participação em manifestações artísticas ou ainda por motivos religiosos.

A promoção e o incentivo dos fatores culturais nas localidades é um propósito para estimular a atracção dos visitantes. O turismo pode ser impulsionado como um meio de conhecimento e um modo de conduzir o visitante a uma lembrança e experiência característica e única.

Neste sentido, o turismo apresenta-se como um agente essencial para difundir as relações culturais.

### **2.1.3 Desenvolvimento turístico sustentável**

No ano de 1987 a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas apresentou um relatório onde a política de desenvolvimento sustentável era entendida como “la que atiende a las necesidades del presente sin poner en peligro la capacidad de las generaciones futuras para atender a las suyas propias” (OMT, 1999, p.22). (a (política) que satisfaz as necessidades do presente sem pôr em perigo a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas).

A sustentabilidade turística, vista como um plano adaptável e global, não se restringe ao meio-ambiente, considera também os agentes socioculturais e económicos. O planeamento do turismo sustentável, impulsionador do sucesso de um destino, limita os resultados colaterais do movimento turístico, estimulando assim o interesse por parte dos turistas (Pires, 2004).

“O turismo sustentável não deve ser visto apenas como um modelo adaptável ao ambiente natural mas, também, aos factores socioculturais e económicos, proporcionando uma vivência saudável ao indivíduo ou grupo sem danificar a integridade, a longo prazo, dos ambientes natural e cultural” (Pires, 2004, p.12). O turismo sustentável é também uma “importante alternativa para que as reservas naturais sejam preservadas” (Pires, 2004, p.34).

Em todos os seus estudos de planificação e desenvolvimento a OMT foca-se na sustentabilidade turística e aplica princípios de desenvolvimento sustentáveis.

Conforme Sancho (2001) citado em Pires (2004, p.41):

o desenvolvimento do turismo sustentável supre as necessidades dos turistas atuais e as regiões hospedeiras enquanto protege e eleva as oportunidades para o futuro. É contemplado como meio de atingir a administração de todos os recursos de modo que as necessidades económicas, sociais e estéticas sejam cumpridas, enquanto mantêm integridade cultural, processos ecológicos essenciais, diversidade biológica e sistemas de apoio à vida.

No entender de Rose (2002) citado em Pires (2004, p.41):

a sustentabilidade turística corresponde à conjunção de três fatores: a sustentabilidade ecológica, cujo objetivo é assegurar que o desenvolvimento seja compatível com a manutenção do processo ecológico; a sustentabilidade sociocultural, a qual deve assegurar que o desenvolvimento é compatível com a cultura e valores da comunidade; e, por fim, a sustentabilidade económica, que busca um desenvolvimento economicamente eficiente e com recursos geridos de maneira que possam manter gerações futuras.

Para a OMT (1999, p.22) o desenvolvimento sustentável é definido da seguinte forma:

El desarrollo sostenible atiende a las necesidades de los turistas actuales y de las regiones receptoras y al mismo tiempo protege y fomenta las oportunidades para el futuro. Se concibe como una vía hacia la gestión de todos los recursos de forma que puedan satisfacerse las necesidades económicas, sociales y estéticas, respetando al mismo tiempo la integridad cultural, los procesos ecológicos esenciales, la diversidad biológica y los sistemas que sostienen la vida. (O desenvolvimento sustentável tem em conta as necessidades dos turistas atuais e das regiões recetoras e ao mesmo tempo protege e incita as oportunidades para o futuro. É concebido como um vetor que leva à gestão de todos os recursos para que possa satisfazer as necessidades económicas, sociais e estéticas, respeitando ao mesmo tempo a integridade cultural, os processos ecológicos essenciais, a diversidade biológica e os sistemas que sustentam a vida.)

Tendo em conta que o setor do turismo depende fundamentalmente das atrações e atividades turísticas em torno do património natural, cultural e histórico, o enfoque no desenvolvimento sustentável é de extrema relevância. Assim, a preservação destes recursos é frequentemente favorecida com base no desenvolvimento turístico. A salvaguarda e subsistência das identidades étnicas e das tradições culturais é um constituinte necessário para a sustentabilidade do património cultural de uma região. A preservação dos recursos contribuirá para que os residentes locais adquiram maior conhecimento do seu património e auxiliem na sua preservação (OMT, 1999).

Considerando a definição da OMT:

o turismo sustentável corresponde a um modelo de desenvolvimento económico projetado para melhorar a qualidade de vida da população local, das pessoas que vivem e trabalham no



local turístico, manter a qualidade do meio ambiente da qual depende a população local e os visitantes, aumentar os níveis de rentabilidade económica da atividade turística para os residentes locais, assegurar a obtenção de lucros pelos empresários e prover experiência de melhor qualidade para o visitante. Mas, para que este modelo seja desenvolvido com sucesso é necessário que haja planeamento turístico voltado para melhoria da qualidade de vida dos residentes e para proteger o entorno local, natural e cultural (Pires, 2004, p.42).

Tendo por base o processo de planeamento, os princípios estabelecidos referentes ao desenvolvimento sustentável conseguem dar alento ao direcionamento das políticas locais, sendo elas:

- a) O planeamento do turismo e o seu desenvolvimento devem ser parte das estratégias do desenvolvimento sustentável de uma região, estado ou nação. Esse planeamento deve envolver a população local, o governo, as agências de turismo, etc. para que consiga os maiores proveitos possíveis;
- b) Agências, associações, grupos e indivíduos devem seguir princípios éticos que respeitem a cultura e o meio ambiente da área, da economia e do modo tradicional de vida, do comportamento da comunidade e dos princípios políticos;
- c) O turismo deve distribuir os lucros de forma equitativa entre os promotores de turismo e a população local;
- d) É essencial ter boa informação, pesquisa e comunicação da natureza do turismo, especialmente para os moradores do local, dando prioridade a um desenvolvimento duradouro, que envolve a realização de uma análise contínua e um controle de qualidade sobre os efeitos do turismo;
- e) A população deve-se envolver no planeamento e no desenvolvimento dos planos locais junto com o governo, os empresários e outros interessados (Pires, 2004, p.42).

É fundamental que o turismo seja politicamente aceite sem colocar em causa a sua sustentabilidade. Se a vontade política do turismo sustentável não se faz sentir, as diretrizes turísticas com base em princípios de sustentabilidade tornar-se-ão uma ficção. A forma mais eficaz de alcançar um turismo sustentável é com base na planificação, no desenvolvimento e na gestão intransigente do setor turístico (OMT, 1999).

## 2.2 CONCEITO DE EVENTOS

Desde épocas longínquas que subsiste a necessidade de organizar e participar em atos festivos e de confraternização. Em períodos primórdios as pessoas reuniam-se para celebrar fenómenos naturais tais como a mudança das estações e da lua. Com o avançar dos tempos a necessidade da partilha de conhecimentos e experiências e do convívio social, intensificou-se ainda mais. Desta forma se constata que os eventos sempre estiverem presentes nas sociedades.

Impõe-se a questão: O que é um evento? Torna-se necessário entender o seu conceito, o seu funcionamento, a sua tipificação e os impactos gerados na comunidade e no meio onde está inserido.

Não se encontra uma definição universal para este conceito. Ele é definido segundo a sua tipologia e as suas características.

A Dicionários Editora – Dicionário da Língua Portuguesa (s.d.) define “evento” como “acontecimento, sucesso, êxito”, ou seja, um facto, uma eventualidade que causa impacto e é razão de notícia.

Decompondo a definição, verifica-se que a ocorrência acontece, isto é, existe um local, uma data de realização e uma hora de início e de fim.

Na ótica de Allen et al (2003) citado em Neves (2012, p.17) os eventos “são rituais, apresentações ou celebrações específicas que tenham sido planeados e criados para marcar ocasiões especiais ou para atingir metas ou objetivos específicos de cunho social, cultural ou corporativo”.

Os eventos compreendem um conjunto de múltiplas atividades temáticas e dimensões, concentradas num curto período de tempo, com um programa pré-definido.

Apostando na criatividade, suportada por uma adequada divulgação e promoção, o evento deve causar impacto. Deve ter sucesso de forma a ser lembrado pela positiva e não como um desastre (Pedro et al., 2005).

O sucesso dos eventos, segundo Getz (1997) citado por (Sarmiento, 2007/13, p.10/11) “depende mais do entusiasmo das comunidades locais e da capacidade dos organizadores do que do património natural e construído do local”.

Os eventos levados a cabo em comunidades rurais, podem ser benéficos a nível económico visto um considerado número de visitantes/turistas consumir bens e serviços no local. Contudo, nem só aspetos positivos ressaltam dos impactos causados pelos eventos nas localidades. Pois, surgem aspetos negativos, dos quais a título de exemplo se salienta o aumento do preço de bens

e serviços no decorrer das celebrações, congestionamento de trânsito nos locais, bem como o dilema do estacionamento (Sarmiento, 2007/13).

Os eventos têm a capacidade de influenciar os lugares e as culturas onde ocorrem pois, para a população geram orgulho, sentimento de pertença e contribuem para o desenvolvimento. Os eventos promovem experiências de alegria, celebração, excitação, autorrealização e ainda apreciação estética (Maciel, 2011).

Dependendo do tipo de evento, assim como da natureza e dimensão, a presença de visitantes/turistas é considerada um elemento importante para o desenvolvimento de uma localidade, região ou país. Neste sentido, os eventos podem contribuir para o desenvolvimento económico, cultural, ambiental e social de uma localidade, pautados por uma boa gestão do turismo (Maciel, 2011).

### **2.2.1 Classificação e tipologia de eventos**

No que respeita às tipologias de eventos, estas geram semelhantemente certas divergências, não conseguindo um acordo nas definições, categorias e termos a utilizar. As definições e conceções partilham elementos comuns que remetem para uma noção do significado de cada conceito.

Pedro et al (2005) explica que os diversos tipos de eventos podem ser classificados conforme vários critérios, tais como finalidade, periodicidade, área de abrangência, âmbito, público-alvo e nível de participação. Assim:

- Quanto à finalidade, os eventos classificam-se em institucionais e promocionais. Os institucionais têm como objetivo desenvolver e aprimorar a imagem da empresa. Os promocionais têm como objetivo a comercialização de produtos, como no caso das feiras;
- Relativamente à periodicidade, os eventos podem ser esporádicos, periódicos ou ainda de oportunidade. Os esporádicos não têm um período predefinido, são levados a cabo aquando do interesse de uma instituição, como por exemplo no lançamento de um novo produto. Os periódicos têm um período fixo, realizam-se mensalmente ou anualmente, como a Feira Internacional de Turismo de Lisboa (BTL). Os de oportunidade são desenvolvidos no âmbito de ações externas a uma instituição como as datas festivas;
- Quanto à área de abrangência, os eventos identificam-se como locais, regionais, nacionais e internacionais, como exemplo destes eventos destacam-se a nível local as pequenas feiras mensais, a nível regional a Feira do Livro de Lisboa, a nível nacional o Festival de Vilar de Mouros e a nível internacional o Euro 2004;

- Em relação à zona de ação/âmbito, os eventos consideram-se internos ou externos. Os internos têm lugar nas instalações das instituições. Os externos realizam-se em ambientes amplos e fora das instituições;
- No que se refere ao público-alvo, os eventos dividem-se em corporativos e em eventos direcionados para o consumidor. Os corporativos aplicam-se ao coletivo interno da instituição. Os direcionados para o consumidor destinam-se aos consumidores finais dos produtos/serviços das organizações;
- Quanto ao nível de participação, as instituições podem estruturar os seus eventos ou optar por participar em eventos produzidos por outras organizações.

Pedro et al (2005) reforça ainda que de acordo com as suas características e a sua tipologia, os eventos podem ser:

- Feiras – Eventos focados em segmentos específicos, tendo a duração média de uma semana. São, genericamente, estabelecidos por empresas especializadas e organizam-se em estandartes próprios para exposições;
- Convenções de vendas – Eventos orientados para equipas comerciais e canais de distribuição da empresa, envolvendo revendedores, representantes e parceiros comerciais, em local e hora definidos pela instituição. Por norma, caso sejam anuais, efetuam-se no início ou fim do ano;
- Congressos – São eventos que agrupam profissionais da mesma área de vários organismos para debater temas de interesse comum. Um congresso é um evento bastante inclusivo, reunindo outras ocorrências como por exemplo, *workshops*, palestras, seminários e grupos de discussão;
- *Workshops* – Eventos onde profissionais da mesma área de negócio ou da mesma empresa se reúnem com a finalidade de solucionar uma questão ou debater um tema;
- Evento Sociais – Estes eventos difundem objetivos de relacionamento entre a instituição, os colaboradores e os clientes. Estão vocacionados para uma vertente de lazer, humana e social;
- Eventos Culturais – Eventos orientados para sensibilizar clientes e parceiros. Ou seja, é viável convidá-los a participar num evento cultural que seja patrocinado pela empresa ou que esteja em cartaz;
- Eventos Desportivos – Eventos de âmbito desportivo que contam com a participação de convidados da instituição ou com o patrocínio em eventos já preparados.

De acordo com a dimensão, importa ainda distinguir os grandes dos pequenos eventos. Assim, os grandes eventos são sinónimos de ocorrências de impacto mundial que atrai o sentido de milhões de pessoas bem como as maiores empresas do mundo como patrocinadores.

Os pequenos eventos promovem um impacto mais limitado atraindo de igual forma os patrocínios, aqui o número de pessoas é menor (Pedro et al 2005).

## **2.3 EVENTOS CULTURAIS**

Segundo Getz (1991), citado em (Ribeiro et al., 2005, p.64) os eventos culturais “não são mais do que um conjunto de atividades concentrado num curto período de tempo, com um programa pré-definido. De múltiplas temáticas e dimensões, o seu denominador comum reside no seu carácter diferenciado e único relativamente à oferta turística permanente, o que os eleva acima do comum/quotidiano”.

Os eventos culturais apresentam-se nos últimos tempos como um produto turístico bastante dinâmico, quer do ponto de vista da oferta quer do da procura.

Os eventos culturais desempenham um papel importante no que se refere à atração turística de um território, pois permitem atrair visitantes/turistas aos locais onde ocorrem, à animação, à dinamização de atividades, bem como à criação de uma imagem de marca de um destino turístico (Ribeiro et al., 2005).

Esta tipologia de eventos por norma baseia-se em recursos artísticos e comunitários representados através do seu conteúdo. Envolvem ainda determinadas particularidades comuns: têm duração limitada, englobam um número de atividades, são comemorativos e surgem com regularidade.

Como enfatiza Marques (2011) citado em Rodrigues (2012, p.56) este género de eventos:

têm de se focar em factos culturais, embora possa incluir outros; ocorrem em locais específicos e em determinados momentos; têm público em número significativo e têm uma série de agentes que são afetados pelos eventos, ou que, pelo contrário os podem afetar. Estes agentes podem ser indivíduos ou grupos com interesse ou investimento (cultural, financeiro, político ou outro) no evento.

Os eventos culturais aliam-se a intuítos turísticos, culturais, artísticos e educativos. Como produto turístico elevam a atratividade da região e captam mais turistas.

Segundo o Ministério do Turismo brasileiro (s.d.) citado em Rodrigues (2012, p.56), estes eventos “promovem os bens materiais e imateriais da cultura de um povo e de uma região. Em muitos casos, estes eventos ajudam à preservação do património histórico e cultural, pois são eles o centro da atração turística.”

O aproveitamento turístico dos bens culturais prevê a:

valorização, promoção e a manutenção das suas dinâmicas e permanência no tempo como símbolos de memória e de identidade. Valorizar e promover significa difundir o conhecimento sobre esses bens e facilitar seu acesso e fruição a moradores e turistas. Significa também reconhecer a importância da cultura na relação turista e comunidade local, aportando os meios para que tal relação ocorra de forma harmónica e em benefício de ambos (Secretaria de estado de Turismo de Minas Gerais, s.d.)

Assim, este género de bens culturais leva a um maior interesse da comunidade e dos turistas, legitimando a relevância da cultura bem como da sua preservação.

“ A celebração de eventos culturais constitui, portanto, uma estratégia efetiva de diversificação da oferta turística, de modo a captar novos segmentos da procura e/ou renovar o interesse de visitantes já habituais, justificando investimentos públicos e privados, quer na vertente turística quer na vertente cultural” (Ribeiro et al., 2005, p. 63).

Tendo em conta as novas tendências, as pessoas deslocam-se cada vez mais para assistir a eventos e manifestações culturais a fim de satisfazer as suas necessidades. A procura e o foco nas comunidades tradicionais, nos seus diversificados costumes, hábitos e práticas têm registado uma tendência crescente.

## **2.4 TURISMO DE EVENTOS**

Na perspetiva de Matias (2003) citado em Neves (2012, p.17) o turismo de eventos é compreendido como “o conjunto de atividades exercidas por pessoas que viajam, a fim de participar dos diversos tipos de eventos que podem ser motivadas por interesses de ordem profissional, associativo, religião, desportivo, científico e outros”.

Esta conceção é igualmente partilhada por Britto e Fontes (2002) citado em Rodrigues (2012, p.33) para quem o turismo de eventos:

é o segmento do turismo que cuida dos vários tipos de eventos que se realizam dentro de um universo amplo e diversificado. O evento proporciona ao grupo de profissionais de uma mesma área a troca de informações, a atualização de tecnologias, o debate de novas proposições, o lançamento de um novo produto, contribuindo para a criação e fortalecimento das relações sociais, industriais, culturais e comerciais, ao mesmo tempo em que são gerados fluxos de deslocação e visita.

Zanini e Faria (2003) citados em Rodrigues (2012, p.33) reforçam a ideia mencionando que o turismo de eventos:

gera riqueza para a cidade ou região e para as partes envolvidas no processo, através da arrecadação de impostos, criação de empregos diretos e indiretos e dinamização do sector hoteleiro, do comércio e da gastronomia. Além disso, tem a vantagem da atividade poder ser planeada para um período em que haja maior necessidade de um impulso externo, ajudando à atividade turística de determinado local.

A OMT (2005, p.44) expõe que os eventos proporcionam ao turista motivos para visitar um local, além dos produtos culturais oferecidos pelo destino. Enuncia ainda que “festivals and events are both effective instruments in attracting first time visitors as well as repeat visitors due to the differential advantage they can offer”. (Os festivais e os eventos são instrumentos eficazes em atrair visitantes de uma primeira viagem, bem como visitantes de repetição devido às distintas vantagens que eles podem oferecer).

De acordo com Simões (2012, p.30), “É de facto difícil comprovar se determinado evento é a razão da viagem do visitante, se este vai até ao destino com intenção de ir ao evento e aproveita para conhecer o destino ou se, uma vez estando no destino, aproveita a estada para participar no evento”, mas como indica a OMT (1995) citado em Simões (2012, p.30) “os viajantes deslocam-se da região de origem até ao destino turístico, porque ali é onde encontram os atrativos que desejam conhecer”.

**PARTE III – ESTUDO DE CASO: O DESENVOLVIMENTO  
TURÍSTICO SUSTENTÁVEL DAS ALDEIAS  
TRANSMONTANAS A PARTIR DAS FESTAS CULTURAIS E  
TRADICIONAIS BASEADAS NA FIGURA DOS “CARETOS”**





A região de Alto Trás-os-Montes é descrita por Taborda (1987) citado em Maciel (2008, p,118) como “uma região de terras altas que se desdobram em montanhas, planaltos e com grande extensão de prados naturais”, aos quais a população designa de lameiros.

A ocupação geográfica e a complexidade física do território influenciam a rede interna de acessibilidades, contudo favorecem a articulação das redes viárias nacionais de Portugal e Espanha, reduzindo as distâncias desta província aos grandes centros de decisão, os projetos económicos e aos mercados externos (DHV, 2006). As últimas épocas foram sinalizadas por um vigoroso investimento no aperfeiçoamento das acessibilidades interna e externa da TFT, com edificação da Autoestrada A4 e do Itinerário Complementar IC5. Assim é possível reduzir o tempo de viagem entre Bragança e os grandes centros urbanos como Porto e Lisboa.

O aeródromo de Bragança compõe a única infraestrutura aeronáutica na região. Os aeroportos mais próximos são os situados no Porto e em Santiago de Compostela, Vigo, Valladolid e León na vizinha Espanha.

A região dispõe de bons acessos rodoviários a todos os destinos de norte a sul do país, bem como da Europa. O acesso realiza-se pela A4, IP2, N103, N160 e A52 ligando-se estes a outros eixos rodoviários principais.

### **3.2 CARACTERIZAÇÃO FÍSICA E GEOGRÁFICA**

A configuração do terreno é uma sucessão paralela Oeste – Este de cumeadas e vales acentuados, sendo estes mais pronunciados a oeste no concelho de Vinhais, enquanto a Este, no concelho de Bragança, distinguem-se planaltos mais extensos até à fronteira Luso-Espanhola. É na serra de Montesinho – concelho de Bragança – que se encontra o ponto mais alto do Parque Natural de Montesinho (PNM), precisamente na linha de fronteira a 1485 metros de altura (ICNF, 2014).

Podem reunir-se sumariamente três grandes unidades de paisagem dominantes na região mais precisamente na área do PNM. A primeira é característica da montanha por afloramento granítico onde se encontram os grandes blocos de forma arredondada, circundados por matos arbustivos e rasteiros. A segunda unidade de paisagem é composta por diversos núcleos de floresta onde predominam as espécies autóctones, pinheiros, soutos e carvalhos. Destaque também para a existência significativa de castanheiros, uma das mais importantes fontes de rendimento da economia regional. A terceira grande unidade é marcada pela presença humana e consequente transformação dos solos. Encontram-se dois grandes núcleos urbanos, as sedes de concelho de Bragança e Vinhais, circundados e equidistantes de outras pequenas vilas e aldeias, todas com perímetros urbanos bem definidos e concentrados (ICNF, 2014).

Praticamente durante todo o ano a direção predominante dos ventos é de Oeste. Contudo esta região não deixa de ser influenciada pelo clima mediterrânico, ao que lhe correspondem níveis de precipitação característicos. Nos meses de outono e inverno regista-se maior pluviosidade, 72% do total anual, sendo os restantes 28% distribuídos uniformemente durante os meses de primavera e verão. A temperatura média anual varia entre os 8°C e os 13°C. Destaque ainda para a existência de um conjunto de microclimas localizados, diretamente influenciados pela morfologia do terreno (ICNF, 2014).

Os oito cursos de água mais importantes que percorrem o perímetro dos concelhos de Bragança e Vinhais são os rios Mente, Rabaçal, Tuela e Baceiro, incluídos na rede hidrográfica do Tua, e os rios Sabor, Igrejas, Onor e Maçãs, pertencentes à Bacia do Sabor. Os planos de água resultantes da intervenção humana sob forma de barragem são: Serra Serrada; Gralhas; Montesinho e Veiguinhas (ICNF, 2014).

O conjunto de habitats que compõem a globalidade do ecossistema característico destes concelhos engloba essencialmente dois grandes subsistemas; o primeiro é composto por bosques climáticos e o segundo por comunidades arbóreas ripícolas de grande incidência fúngica; a conjugação de ambos permite a convivência de espécies raras e mais comuns, de mamíferos, aves e reptéis. Os solos são seletivos e tóxicos aos quais apenas se adaptam espécies que afloram nos entremeios dos blocos rochosos de si já raros em Portugal. A arménia, a vulnerária e a violeta-pastor são das plantas de pequeno porte consideradas relíquias botânicas. Os bosques autóctones são compostos por carvalhais, sardoais e galerias ripícolas. Dos solos encharcados dos planaltos das serras de Montesinho e Pinheiros emergem turfeiras baixas e urzais higrófilos, duas das tipologias vegetativas a que são dadas maior importância e vigilância para a respetiva conservação (ICNF, 2014).

Esta área geográfica é um composto de serras e vales dos mais valiosos a nível europeu. No enquadramento nacional não há outro complexo de igual importância. No seu interior preserva espécies faunísticas autossustentáveis, contudo de existência não possível se o regime de proteção não incidisse sobre aquela área. A funcionalidade do ecossistema é composta por elementos entre si indissociáveis – fauna, flora, vegetação e fúngicos (ICNF, 2014).

Uma parte muito significativa de toda a fauna terrestre portuguesa está aqui representada, contando-se cerca de duzentas e cinquenta espécies de vertebrados e reconhecendo-se uma elevada riqueza e diversidade também de invertebrados. Muitas das espécies estão ameaçadas, constituem endemismos ibéricos, são raras ou têm uma distribuição muito reduzida em Portugal (ICNF, 2014).

Das espécies características desta região destacam-se:

- Em ambiente terrestre, o Lobo Ibérico, os Veados, os Corsos, a Toupeira Brava e o Gato selvagem;
- Da avifauna, a Águia Real, a Cegonha Preta, a Melro das Rochas e ainda inúmeras borboletas raras;
- Dos répteis, a Víbora Cornuda, Lagarto de água e o tritão marmorado;
- Das piscícolas a truta do rio é a mais comum e as espécies panjorca e vardemã-do-norte as mais raras (ICNF, 2014).

Concluindo a caracterização do espaço natural salienta-se o tipo de habitação e de povoamento concentrado, um e outro influenciados pelo meio natural. O primeiro, recorrendo a materiais como o xisto ou o granito, consoante as particularidades geológicas das povoações, é representado por construções de “paredes meeiras, próprias do povoamento concentrado, com rés-do-chão e primeiro andar. As portas, janelas e varandas, por vezes pintadas de vermelho ou verde, em geral, são de madeira de castanheiro. A parte inferior da casa, denominada “baixos”, serve, na maior parte das vezes, para guardar produtos e ferramentas agrícolas” (Maciel, 2008, p,121).

### **3.3 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÓMICA**

Mais de metade da TFT é envolvida por áreas protegidas, o que faz deste território um destino favorecido pela qualidade do ambiente e das potencialidades de um turismo verde. Integra-se esta região como uma coletânea singular de saberes ancestrais, transpostos em produtos únicos e de excelência, para serem convenientemente estimados e valorizados (DHV, 2006).

Do ponto de vista demográfico, assume uma escassa dinâmica, tal como evidência Loução (2002, p.341) “O problema da desertificação populacional de toda a faixa interior do país constitui uma questão que deveria merecer maior atenção. Estas zonas têm grandes potencialidades para originarem espaços com grande qualidade de vida, assim houvesse imaginação criadora das autoridades”.

As taxas de analfabetismo verificadas têm registado uma diminuição quando se analisam os níveis de ensino obtidos pela população residente, comprova-se que o concelho de Bragança detém uma posição favorecida na região, quer pelo diminuto número de analfabetos existentes, quer pelo eminente número de habitantes com formação superior. Atualmente, Bragança beneficia de um Instituto Politécnico que integra quatro instituições de ensino superior público, e uma de ensino privado.

“Este significativo valor da população com formação superior em Bragança faz deste concelho uma zona potencial de fixação de empresas que utilizam tecnologia avançada e querem usufruir da nova e importante centralidade que a proximidade ao mercado europeu (sobretudo do espanhol, com os seus 50 milhões de habitantes) (DHV, 2006, p.35).

O setor primário tem assinalado um decréscimo sucessivo da população ativa, já no setor secundário o emprego instituído anexa uma pequena faixa da população ativa, proveniente de microempresas onde prevalece o autoemprego. O setor terciário tem assinalado um auxílio bastante significativo uma vez que Bragança é um meio de serviços.

As atividades do setor primário que mais vigoram na região são as que se cingem à produção de castanha, uma vez que a produção da mesma está centralizada em Trás-os-Montes com cerca de 80% de área plantada, com especial incidência nos concelhos de Bragança e de Vinhais, na produção da batata, do centeio, da olivicultura, de bovinos, ovinos e caprinos autóctones, de suínos e fumeiro tradicional e do mel (DHV, 2006).

No que se refere ao setor turístico, a região dispõe de um enorme e diversificado potencial pois, mais de metade da região detém uma superfície significativa de áreas protegidas.

Associado à componente natureza é possível a prática e desenvolvimento de diversos tipos de turismo, destacando-se o turismo de/natureza, o turismo de aventura, o ecoturismo, o turismo em espaço rural e o turismo cinegético. A par desta oferta surge o turismo cultural articulado ao riquíssimo património etnográfico e monumental. Estes dois temas estão expostos por toda a região quer a nível de sítios históricos e arqueológicos, de monumentos e museus, quer a nível gastronómico, do artesanato, das festividades, da etnografia e tradições populares.

### **3.4 CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA, PATRIMONIAL E CULTURAL**

A relação da humanidade com este território começa de forma ténue durante o período neolítico do qual apenas restam algumas estruturas megalíticas. A verdadeira simbiose dá-se pela ocupação romana, que introduz a organização administrativa e espacial, promovendo os primeiros movimentos de desenvolvimento social, cultural e económico. A sucessão de posse por povos germânicos corta com os processos de conectividade implementados pelos romanos e gera uma primeira consequência; o afastamento das comunidades entre si, de que resulta a sua concentração em núcleos urbanos bem definidos como hoje ainda se verifica. A reintrodução da administração e conectividade territorial só viria a ser possível com a estabilização das linhas de fronteira com Castela, o que permitiu estruturar o espaço em novos concelhos nos reinados de D. Sancho a D. Dinis (ICNF, 2014).

A cristandade e o paganismo sempre conviveram lado a lado e ainda perpetuam de forma saudável, rituais festivos tipicamente transmontanos, onde também não faltam o misticismo e o exoterismo. Esta mistura de influências gerou um padrão cultural rico e único em todo o país. Os templos religiosos começaram por ser modestos e de dimensão reduzida mas os séculos XVII e XVIII atribuíram-lhes decorações barrocas em talha dourada. Ao mesmo tempo erguem-se solares que contrastam com as casas típicas, mas nunca ferindo a paisagem. (ICNF, 2014).

A exploração dos recursos naturais e a sua transformação sustenta a forma de vida. A agricultura e a pastorícia são as principais formas de rendimento, mas existem outras como a tecelagem do linho e a cestaria, que sempre cumpriram funções de supressão das necessidades dos usos domésticos e rotineiros dos habitantes, ainda que hoje sejam artes mitigadas pelas “novas tendências”. Existem ainda inúmeros moinhos de moagem públicos e privados, fornos comunitários, minas e outras explorações geológicas.

Desde há muito tempo associado à alimentação dos animais domésticos, principalmente do porco da raça Bísara, o castanheiro, marca indelevelmente a paisagem e a economia destas gentes. Através da comercialização do seu fruto, a castanha, tem vindo a assumir-se como um complemento significativamente interessante, sendo uma das principais fontes de receitas no atual quadro de utilização da terra. Estas receitas são reforçadas pela venda da sua madeira que é aqui explorada em alto fuste, para madeira de grandes dimensões, e num sistema de talhadia, para madeira de pequenas dimensões (ICNF).

A interioridade e a morfologia sempre foram desafios à vida das gentes transmontanas. O afastamento e o isolamento face ao enquadramento geral nacional promoveram uma forte ligação de proteção e valorização entre os habitantes e o seu território. Eis alguns impactes positivos:

- As habitações mantêm a traça tradicional erudita recorrendo na sua maioria a matérias-primas locais para a sua construção com destaque para as paredes de xisto e telhados em lousa;
- Os equipamentos comunitários – fornos, moinhos, pombais – ainda mantêm as suas funções originais;
- O urbanismo é visualmente muito agradável;
- O mosaico agrícola e pastoril está bem delineado e aproveitado;
- Os ecossistemas são respeitados e valorizados não havendo perturbação da vida selvagem que coloque em risco fauna ou flora;
- Não existe poluição visual, sonora ou olfativa.

Este conjunto paisagístico não foi propriamente conseguido por influência do planeamento. Como se afigura é resultado do conservadorismo e da identificação das gentes com o seu

território. Os usos do solo tal como hoje estão estruturados transformam-se em vantagens competitivas para o desenvolvimento da prática de atividades de turismo na natureza. Como tal a região reconhece o seu potencial de desenvolvimento. Contudo o seu crescimento avança a velocidade relativamente moderada dada a necessidade de investimento na capacidade de afirmação e competitividade. Ainda assim este é o caminho a seguir, por exemplo, para ajudar a solucionar um dos grandes flagelos desta região. A instabilidade político-social do início do século XX e a rudeza dos anos 60 e 70 geram êxodo rural e migrações para o estrangeiro. Em muitos casos dá-se um esvaziamento, ainda hoje visível de alguns povoados, que pode agora ser revertido (ICNF, 2014).

### **3.4.1 Património evocativo**

Bastantes das vivências socioculturais do Nordeste Transmontano assentam em tradições e aspetos de origem ancestral. Um exemplo é a prática comunitária e o regime de partilha que ainda prevalece em algumas das aldeias da região.

O PNM é uma mais-valia regional como sítio atrativo do turismo de/natureza e do turismo cultural da qual beneficia toda a população, procurando sempre harmonizar o desenvolvimento sustentável económico e social com a conservação da natureza e a integridade cultural.

As atividades artesanais enquadraram-se, até um passado recente, num contexto de utilização do objeto produzido para as diversas funções do quotidiano, tais como a tecelagem de lã e linho, as rendas e bordados, a cestaria, os objetos de cobre batido e ferro forjado, a latoaria e a talha. Mas o artesanato regional integra igualmente as obras, associadas a funções simbólico-religiosas (nomeadamente, as máscaras, os trajes, as miniaturas, as esculturas, entre outras). Finalmente, merecem especial destaque pela sua originalidade as cutelarias (Palaçoulo), os trajes de burel e saragoça, designadamente as capas de honra (Constantim e Sendim) e as máscaras de madeira (Ousilhão, Vila Boa) (DHV, 2006, p.55).

O cozer do pão é ainda hoje “uma das principais atividades das mulheres e um alimento fundamental no dia-a-dia. Em algumas aldeias, naquelas onde não existem comércio e padaria, e as casas não têm o seu próprio forno, a cozedura faz-se nos moldes tradicionais, isto é, no forno do povo” (Maciel, 2008, p. 125).

O trabalho inicia com o amassar do pão e a seguinte oração:

São João te faça pão

São Mamede te levede

São Vicente t'acrescente

Em honra do Pai e da Virgem Maria

Um Padre Nosso e uma Avé Maria.

Ao introduzir o pão ao forno é feita uma cruz nas bolas de pão, que são benzidas ao mesmo tempo que se enuncia:

Cresça o pão no forno

e a saúde a seu dono

e a paz pelo mundo todo.

Em honra do Pai e da Virgem Maria

Um Padre Nosso e uma Avé Maria (Martins, 1987, p.16).

A dinâmica museológica foi recuperando objetos, símbolos e saber-fazer agregados a um quadro de novas vivências e atividades. O Museu Abade de Baçal e o Museu Ibérico da Máscara e do Traje, em Bragança, preservam uma valiosa herança que testemunha a riqueza cultural deste território.

Loução (2002, p.339) realça que o que “caracteriza a região de Trás-os-Montes e Alto Douro são os rituais solsticiais e de Ano Novo, que ocorrem nos doze dias que vão do Natal até ao Dia de Reis”.

“A cultura transmontana é fértil em tradições mítico-religiosas de origem arcaica. O culto do pão, da água e, sobretudo, do fogo tem presença assídua. As Fogueiras do Galo (Natal), dos Santos ou do Ano Novo, conforme as povoações chegam a ter dimensões espetaculares (Loução, 2002, p.338).

Numa época como o Natal em que, no geral, as populações estão recolhidas nos seus lares comemorando a festa da família e o nascimento de Jesus, os transmontanos saem à rua, dispõem-se em círculo à volta das fogueiras do galo e começa a povoar a região uma série de «demónios» e de figuras solsticiais. Os jovens organizam-se, mascaram-se e, com a vitalidade que lhes é própria, ritualizam o caos que antecede a nova ordem cósmica, o Ano Novo (Loução, 2002, p.339)

Os eventos sociais e culturais traduzem os ritmos próprios da Natureza nas celebrações que lhe estão associadas, costumes ancestrais enraizados em ritos pagãos remanescentes ou sacralizados pela Igreja ao longo dos séculos. As Festas dos Rapazes ou de Santo Estêvão, que se celebram na quadra natalícia, as próprias Festas de Natal e dos Reis, as festas de Carnaval com os seus julgamentos e queimas e um sem número de romarias aos santuários locais, estão ainda generalizadas por toda a região (DHV, 2006, p.56).



Ainda, as manifestações etno-musicais são significativas pela sua identidade própria no aglomerado patrimonial da nação. Os grupos de gaitas de foles da Alta Lombada, situada na zona de Bragança, são uns dos melhores exemplares de uma riqueza etnográfica ímpar do nordeste transmontano.

## **CAPÍTULO IV – AS FESTAS CULTURAIS E TRADICIONAIS BASEADAS NA FIGURA DOS “CARETOS”**

*Em Trás-os-Montes vive-se o espírito das Saturnais.*

Paulo Loução (2002,p.339)

*Viver a época do Natal em muitas localidades do Nordeste Transmontano é regressar às festas da Antiguidade Pagã. Será, porventura, um dos poucos elos de ligação que resta, ao cabo de dois milénios de Cristianismo, ao ritual cíclico das festividades agrárias do Solstício de Inverno, em honra do Sol ou da Primavera e de louvor à Mãe Natureza.*

António Tiza citado em Loução (2002, p.337)

### **4.1 RITUAIS E FESTIVIDADES, ENQUADRAMENTO HISTÓRICO**

Sabe-se que o povo romano prestava determinados dias à comemoração de festividades. “Uns consagrados aos deuses, chamados *festi*; outros aos trabalhos, *profesti*; outros aos deuses e aos trabalhos, *intercisi*. Os primeiros, os mais solenes, subdividiam-se ainda em quatro séries: sacrifícios aos deuses, *sacrificia*; celebração dos festins públicos e jogos, *epulae* e *ludi*; abstenção de qualquer trabalho, *feriae*” (Martins, 1997, p.129).

Segundo Martins (1997, p.129) “O homem realizou em todos os tempos as suas festas, dando-lhes um carácter religioso. A adoração dos deuses era o centro de todas as suas manifestações festivas.”

Conforme vários historiadores, os povos celtas e romanos conferiam um enorme simbolismo aos solstícios, para Loução (2001) citado em Tiza (2013a, p.41) “Eram panteístas, adoravam o Sol – que sempre foi considerado o símbolo mais perfeito do espírito para a generalidade dos

povos antigos – os bosques, a Terra, e, em geral, todas as forças e fenómenos da Natureza”. Neste seguimento, segundo Plazy (2001) citado em Tiza (2013a, p.41) “prestavam culto ao Sol, festa do fogo, como sinal de vida e de fecundidade para a Natureza, e celebravam as colheitas, em honra do deus Lug”.

A 15 de dezembro, em Roma eram realizadas as *Consualias*, em honra da divindade protetora dos campos (Afonso, 1995).

Também como festas romanas, as festas de culto agrário, as Saturnais, comemoradas de 17 a 23 de dezembro, eram dedicadas ao deus Saturno, considerado como o divino agricultor, deus da abundância e protetor da lavoura, estas celebrações agrárias eram também em honra do deus Baco, deus do vinho, da plantação e da frutificação (Tiza, 2013a).

As Saturnais são descritas por Alves (2000, p.287) como festividades:

celebradas pelos romanos durante cinco ou sete dias, começadas a 17 de Dezembro, em honra de Saturno, com grandes brincadeiras e mostras de alegria, dando férias em todos os serviços públicos, mandando-se presentes, convivendo fraternalmente ricos e pobres, servindo à mesa os amos aos criados e escravos, dando em tudo sinais de igualdade entre os homens, em memória da idade áurea simbolizada por Saturno.

Como que um ritual de renovação, Durand (1995) citado em Loução (2002, p.355) evidencia que as Saturnais surgiam:

*“Como todas as festas de «renovação», neste caso o solstício de Inverno, as Saturnais eram manifestações de regozijo com troca de presentes – costume que inspirou o nosso Natal e Ano Novo – e, sobretudo, com a inversão das hierarquias: os escravos precedendo os senhores, as mulheres tomando a direcção dos escravos, ect. Assim, inversão hierárquica, abundância e regozijo, constituíam os traços característicos dessas Saturnais (...)”*

Ainda em honra do deus Baco ou Dionísio, seu nome, nas Bacanais ou Dionisiacas, celebradas em janeiro, dançava-se, cantava-se e recitavam-se versos antigos (Alves, 2000). Estas festividades eram festejadas pelas:

bacantes, sacerdotisas deste Deus, que desgrenhadas, vestidas de peles de tigres, panteras e outros animais, tochas acesas na mão cercadas de hedra e parras, empunhando tirso armado, (...), corriam de noite pelas ruas, acompanhadas de tocadores de címbalos e clarins, soltando gritos horríveis. No cortejo ingressavam homens vestidos de sátiros, montados em burros e levando bodes para o sacrifício (Alves, 2000, p. 289).

Relembre-se que Dionísio é “o deus do vinho, do entusiasmo e da embriaguez divina.” (Loução, 2002, p.359). Para Eliade (s.d.) citado em (Loução, 2002, p.359) Dionísio patenteia “o *Estranho em nós mesmos, as poderosas forças anti-sociais que desencadeiam o furor divino. Embriaguez*

*causada pelo vinho, excessos sexuais, máscaras e teatro não são senão sinais exteriores da loucura divina.”*

As antigas Juvenais, igualmente festas romanas, celebradas no dia 24 de dezembro, eram protagonizadas pelos jovens que se mascaravam para o culto do sol (Tiza, 2013a). Estes festejos eram comemorados segundo Alves (2000, p.287) com “lauto bródio e patuscada, além de que no dia 21 do mesmo mês também se sacrificava a Vénus, cujos cultos muito tiveram sempre de brincalhões.

No dia 25 era a festa Solsticial consagrada ao Deus Sol, cuja luz prevalece sobre a noite. Pois, a Igreja procurou cristianizar a festa, para não privar os cristãos recém-convertidos de tal festividade, fê-la sua, referindo-se não ao sol, dom de Deus, mas a Jesus Cristo, o «Novo Sol». Aquele que, no dizer dos Santos Evangelhos, é a “Verdadeira Luz do Mundo” (Afonso, 1995, p.154).

No dia do Solstício de Inverno o Sol Invicto, a Luz do Fogo, que nunca é corrompida, reage e começa a manifestar-se progressivamente. A partir daí, os dias começam de novo a aumentar, a Luz venceu as Trevas. Por isso, corresponde à data de nascimento dos grandes deuses solares – Agni, Hórus, Mithra, Cristo, etc. Mas esta vitória não é visível, passa-se num mundo oculto, razão pela qual sempre foi um período destinado a rituais de cunho esotérico que estabelecem a ligação entre o mundo invisível, onde vivem os antepassados e os deuses, e o mundo dos humanos (Loução, 2002, p.340).

No entender de Martins (1997, p.130) “O nosso povo também tem as suas festas e conserva ainda alguns restos de antigos costumes que o tempo e os homens não puderam apagar. E até as festas que à primeira vista nos parecem essencialmente profanas têm também um fundo religioso.”

Segundo Niko Kuret (s.d.) citado em Pereira (1973, p.13) é:

notório que as máscaras e os mascarados ainda hoje vivos no mundo popular europeu têm antigas origens culturais. O mundo sobrenatural desencadeava-se e as almas dos defuntos voltavam do outro mundo para castigar ou premiar os vivos. E, durante milénios grupos de homens ou verdadeiras e próprias sociedades cerimoniais, em coincidência com este período de risco, envergavam vestimentas rituais que, representando os demónios e antepassados garantiam e controlavam as relações entre os vivos e o mundo sobrenatural.

Aos olhos do etnólogo Baroja (s.d.) citado em Pereira (1973, p.13) certos mascarados de inverno relacionam-se também:

claramente com a noção da aparição dos demónios e fantasmas e das almas dos mortos sobre a terra em torno do solstício de Inverno – e a propósito da relação que alguns investigadores

modernos estabelecem entre o ato de se mascarar e o culto dionisiaco nos países clássicos, refere que – no mês de Neptuno grego, que corresponde ao mês de Dezembro, tinham lugar as dionisiacas rurais, nas quais parece que os camponeses se mascaravam e celebravam certas farsas de caráter curioso (...). Quer dizer que ao Deus se prestava culto no período do solstício de Inverno ao começo ou aproximação de equinócio, na mesma época em que, na Europa, se celebravam mascaradas.

A origem das festividades dos “caretos” torna-se assim num mistério. Embora permaneçam analogias das antigas Saturnais, Juvenálias, Bacanais ou Dionisiacas, “a sua essência parece ter uma origem ainda mais remota” (Loução, 2002, p.344).

Vestígio destes cultos festivos, em que o homem comemorava assim o fim do inverno e aclamava a entrada da primavera, mantém-se ainda vivos nos rituais das festividades adiante oportunamente descritas

## **4.2 O CICLO DOS RITUAIS FESTIVOS DE INVERNO**

O ciclo dos rituais festivos de inverno envolve, em terras transmontanas, o período que tem início no solstício (21 de dezembro), com incidência nos dias de Natal (25 de dezembro), Santo Estêvão (26 de dezembro), Ano Novo e Epifania ou Reis, prolongando-se pelo Carnaval (de sábado até quarta-feira de cinzas).

Este tempo de rituais festivos, que envolve mascarados no Nordeste Transmontano, é dividido em dois momentos fulcrais: as festividades que compreendem o ciclo dos doze dias, do Natal aos Reis, e que envolvem a *Festa dos Rapazes*, a *Festa de Santo Estêvão* e a *Festa dos Reis* conforme a localidade que as celebra; e as festividades da época do Carnaval ou Entrudo, assim popularmente designado na região de Alto Trás-os-Montes, que se inicia no sábado e termina na quarta-feira de cinzas, sendo o grande dia festivo a terça-feira de Carnaval.

Comuns a este ciclo festivo, destacam-se sequencialmente acontecimentos mais ou menos idênticos a estas festividades:

- ✓ As Alvoradas, *Rondas* ou Cortejo – percorrendo todas as ruas da aldeia, por norma ocorrem de manhã bem cedo, são as alvoradas onde participam os mordomos, o gaiteiro e os dois tamborileiros que anunciam o início da festa, contudo em algumas aldeias também se verificam da parte da tarde, são as *rondas* de Boas Festas, e à noite, são as *rondas* do cantar dos Reis;
- ✓ A Missa – é o momento religioso da festa, aqui os rapazes encontram-se unidos e organizados junto ao altar-mor, são os primeiros a beijar o Deus-Menino para

rapidamente saírem e vestirem o traje para dar lugar à cerimónia que se segue, de acordo com a aldeia onde se regista esta sequência festiva, a crítica social;

- ✓ A Crítica social – também denominada de *comédias*, *loas* ou *colóquios*, diz respeito às ocorrências sociais caricatas exercidas por alguns dos habitantes locais surgidas durante o ano, onde o coletivo ouve com inquietação já que nunca se sabe quem serão os citados nesta crítica social em plena praça pública. Estes acontecimentos são declamados pelos rapazes, transformados em “caretos”, em forma de quadras e tom jocoso;
- ✓ As Refeições comunitárias – podem assumir duas formas, consoante a localidade, umas dirigem-se a toda a comunidade e são também conhecidas como *Mesa de Santo Estevão* outras são refeições cerimoniais preparadas pelos rapazes ou pelas mães destes por norma o almoço é de carácter exclusivo dos mesmos e para o jantar já é convidada a presença das raparigas solteiras da terra;
- ✓ Os Peditórios – estes também assumem dois formatos, um em cortejo e de forma organizada onde as dádivas revertem a favor do santo, das almas ou para a refeição comunitária, o outro é levado a cabo pelos “caretos” onde todos os géneros arrecadados revertem a seu favor;
- ✓ Os Bailes – outrora destinavam-se aos rapazes solteiros onde a participação feminina ocorria apenas por convite, a dança era ao som da tradicional gaita-de-foles, do bombo e da caixa, hoje destina-se a toda a comunidade e a música tradicional é após algum tempo substituída pelas modernas aparelhagens. Por norma, os bailes, entram noite dentro (Godinho, 1995).

É neste ciclo de doze dias, do Natal à Epifania, e do Carnaval que, estas comemorações tradicionais preservam o seu carácter original e se concretizam sem qualquer influência exógena, embora adaptadas aos tempos atuais bem como às condições sociais, mantendo as personagens próprias e típicas de certas representações de natureza ritualística. Pois, estes rituais festivos envolvem o uso da máscara, do traje e de todo o conjunto de adereços que complementam a figura dos “caretos”.

Algumas destas celebrações pagãs, em determinadas localidades perderam-se no tempo por várias eventualidades, como por exemplo a desertificação populacional, outras permanecem desde os tempos primórdios até aos dias de hoje. Porém, Loução (2002, p.341) realça que “Apesar desse esvaziamento demográfico, muitos jovens regressam às suas aldeias neste período do Natal e Ano Novo, para manterem as tradições dos seus antepassados. Os protagonistas destas festas de raiz muito arcaica são, em grande parte, jovens bem integrados e com êxito na vida da sociedade moderna.”

Outrora, como costume rigoroso, a figura do “careto” cingia-se aos rapazes jovens, hoje podem encontrar-se rapazes, raparigas, adultos ou crianças escondidos pela indumentária pois, o fundamental é o cumprimento das festividades com a presença dos “caretos”.

Pode assim assumir-se que estas festividades com mascarados são ritos emblemáticos e de mistério, que subsistiram à passagem do tempo, são uma marca da identidade cultural do Nordeste Transmontano.

### **4.3 Os “CARETOS” COMO FIGURA ESSENCIAL DAS FESTIVIDADES: CARACTERIZAÇÃO E FUNÇÕES**

Nos rituais festivos do ciclo de inverno e no período do Carnaval os mascarados, também conhecidos como “caretos”, *máscaros* ou *máscaras*, surgem como a figura principal assumindo o papel central da festividade. Consoante a tradição de cada localidade e o tempo em que ocorre o ritual festivo, os “caretos” desempenham as mais variadas funções, essenciais à animação do povo e da própria festa.

Recorrendo às palavras de Abelho (1970), citado em Raposo (2004,p.6):

O divertimento das máscaras e dos mascarados constitui uma representação bem expressiva, com aspetos teatralizados, na região de Trás-os-Montes. Recreia-se este povo no calendário dos seus folguedos com modos sarcásticos e patéticos, onde o mascarado surge não só nos dias de Entrudo mas também fora deles, tomando nomes variados em diversas e diferentes localidades (...) tais máscaras e mascarados constituem festins de gáudio, participados pela mocidade (...) será pois um arraial de euforia, com paródias fingidas, lutas simuladas de rapazes e raparigas, aproveitando os pretextos para contactos corporais. Sempre a guerra do macho pela posse da fêmea. Outra nota a registar é o do sentido agrário desta calenda. Na comunidade transmontana, campestre por definição, os usos arcaicos conservam-se, mantendo os costumes até vir o desgaste e a influência urbana.

Segundo Pereira (2003, p.9) a origem dos “caretos” relaciona-se com:

o culto dos antepassados, considerados detentores privilegiados de poderes sobre as bases essenciais da sobrevivência do indivíduo no plano físico e mental, velando pela fertilidade dos campos, pela fecundidade dos homens e dos animais, pela manutenção da lei cívica e moral, e da ordem por eles modelada e estabelecida.

Nos dias de hoje, os “caretos” cumprem funções:

meramente profanas, bem distintas das que estão na origem do seu aparecimento. Sendo na Antiguidade um elemento de ligação entre os vivos e os mortos, entre o homem e a

divindade, o mascarado parece hoje desempenhar, de forma inconsciente, as mesmas funções mas, aos olhos do povo, representa o diabo e conscientemente se assume como tal nos gestos e atitudes que toma (Tiza, 2004, p.260).

Os “caretos”, descritos por Maciel (1998, p.85), são como “figuras enigmáticas, de aparência terrífica, formando um grupo de personagens não identificáveis, que tudo fazem para não serem reconhecidos”, já para Tiza (2004, p.40) estes são considerados “autênticos seres mágicos e diabólicos, mantidos pela tradição para atormentar as almas e sacrificar os corpos das suas vítimas preferidas, as moças da terra”, eles são “jovens que se mascaram e se transformam para o exercício específico das suas funções de animação, estabelecimento da ordem e divertimento do povo (Tiza, 2004, p.99).

Loução (2002, p.345), evidencia que aos:

“«Caretos quase tudo é permitido» e isso dá-lhes uma grande responsabilidade. Não é fácil gerir os limites, quando é necessário ritualizar a subversão. Os Caretos (...), terríveis, ameaçadores, estranhos, têm o dom de a todo o momento, eles próprios, se tornarem seres dóceis e simpáticos. Afinal, eles têm funções profiláticas e propiciadoras. Manejar estas energias opostas com domínio constitui uma experiência excepcional.

Estas figuras assumem-se como seres superiores e transcendentais, e mais uma vez aos olhos de Tiza (2003, p.17):

tornam-se seres mágicos e proféticos, assumindo simultaneamente as funções de sacerdote e diabo, lembrando os mortos e criticando os vivos, impondo aos outros o respeito pela ordem, fugindo eles às normas sociais e morais instituídas, e tomando para si todas as liberdades próprias de quem está acima de tudo e de todos (Tiza, 2003, p.17).

Segundo a crença popular, “se algum “careto” morrer, enquanto revestido dos seus adereços, vai direito para o inferno, de onde se conclui encontrar-se em estado de pecado mortal por desempenhar tais funções diabólicas” (Tiza, 2004, p.18).

Contudo, esta personagem pragmática transforma-se:

num ser superior, gozando de uma força e liberdade sem paralelo; coloca-se acima de todas as normas estabelecidas e, como se se tratasse de um ente sobrenatural mas possuído pelo demónio, liberta-se de todos os entraves e dá largas às suas faculdades de destruir e de castigar, de trocar e de acariciar, de dançar e de gritar, segundo a sua vontade (Tiza, 2004, p.19).

A função dos “caretos” manifesta-se através da crítica social pois, são eles os oradores dos *colóquios*, *comédias* ou *loas*; do estabelecimento e manutenção da ordem pois, também aqui são eles que arbitram a corrida à rosca; dos peditórios e *rondas* por todas as ruas da aldeia, com a

finalidade de saudar todos os moradores da terra desejando as Boas Festas visando ainda a recolha de esmolas e géneros quer para a missa das almas quer para a organização das refeições comunitárias da festa; acompanham os mordomos, o gaitero e os tamborileiros em todos os restantes momentos solenes da festa, à exceção dos espaços sagrados; executam toda a espécie de brincadeiras; animam a festa, as ruas e os bailes; executam chocalhadas, – estas são uma espécie de dança erótica, os “caretos” aproximam-se e abraçam as raparigas onde, nas ancas das mesmas, fazem embater os chocalhos que trazem pendentes à cintura – correrias, saltos fazendo soar os chocalhos, gritos e danças desordenadas; praticam aspersões com água e cinza; perseguem e amedrontam as crianças e animais; acariciam e castigam as moças solteiras da terra. Tudo isto é devidamente estudado e planeado com uma finalidade e sentido, a animação e alegria do povo e o significado da própria festa (Tiza, 1995).

Loução (2002, p.346) para memorizar estes rituais festivos e segurado nas palavras de Tiza (1998), testemunho e protagonista destes mesmos rituais, reaviva que as:

*“Festas das máscaras e dos «Caretos» que então surgem, quais sacerdotes de antigas divindades, ligando o natural ao sobrenatural, louvando os mortos e castigando os vivos. Os «Caretos», «máscaras», «carochos» ou «chocalheiros» (designações que variam de terra para terra) tornam-se seres superiores, mágicos ou proféticos, gozando de uma liberdade quase sem limites, com a faculdade de castigar, acariciar ou criticar. Criticando publicamente os males sociais, expurgando a comunidade, purificam-na e preparam-na para o ano novo que se aproxima. Danças, gritos e chocalhadas, anomias e críticas sociais institucionalizadas são ritos que o mascarado executa no desempenho das suas funções – profiláticas e propiciatórias.*

*Festas dos rapazes e dos rituais de passagem: a passagem da adolescência à maturidade; ritos para rapazes, como nas antigas sociedades secretas masculinas, nas quais os jovens, antes de nelas se iniciarem, deviam submeter-se a determinadas provas, mascarando-se em seguida e executando danças violentas para afastar a presença das mulheres. Os jovens são, neste contexto, os líderes e os principais animadores da festa. A máscara, obra das suas próprias mãos, é o elemento pelo qual se dá a transformação do jovem em animador, líder, sacerdote e profeta.*

Para Tiza, (2013a, p.81) “O mascarado pode não estar consciente das suas funções originais, mas tem consciência de que os seus atos se revestem de algo muito transcendente, sagrado mesmo para a sua comunidade”.





**Figura 3** | Os “caretos” em brincadeiras (Fotos próprias)

Aos olhos das gentes das raras aldeias em que sobrevivem, aparecem como uma verdadeira entidade mágica, sombria e inquietante, mas necessária. E pode pensar-se que a sua aceitação se justifica por conter um sentido vago de proteção da comunidade, sendo através deles que se normalizam certas forças estranhas e difusas que nesse período se crêem desencadeadas (Seleções do Reader’s Digest, 1982, p.59).

É nas profundezas desta tradição peculiarmente mantida em determinadas regiões transmontanas que os mascarados preservam até ao presente as suas arcaicas funções mágicas. Todavia, a presença dos “caretos” nas festividades, assim como características que lhe estão associadas – o chocalhar, o fustigar, os gritos que ecoam ao longo das correrias pelas aldeias – tem sido, ao longo dos tempos, alvo de críticas por parte da igreja católica. Estas verificam-se devido ao facto do mascarado se aparentar a uma figura enigmática de cariz diabólico e com recursos mantidos na tradição como demoníacos.

Loução (2002, p.357) atenta que “Estes *rituais de subversão* têm uma importância extrema na análise dos elementos estruturantes da tradição portuguesa. Tocam aspetos da «mecânica»

esotérica da Natureza e é prodigioso que alguns deles se tenham mantido vivos, apesar de tanta repressão e incompreensão das diversas autoridades oficiais.”

Os ritos tradicionais dos “caretos”, embora registem certas alterações, necessárias face ao ajuste e inclusão em novos contextos, continuam a manifestar folguedos profanos e lúdicos no ciclo dos doze dias, do Natal à Epifania, e no Carnaval.

Nos tempos que correm, os “caretos”, além de uma tradição, retratam a marca da etnografia e da cultura do Nordeste Transmontano.

#### **4.3.1 O traje**

O típico e tradicional fato que os “caretos” ostentam é elaborado com colchas artesanais de lã, vindas do tear e pertencentes à família do mascarado, às quais são adereçadas franjas coloridas, onde predomina o vermelho, o amarelo e o verde. É constituído por um casaco comprido com capuz grande que envolve a parte detrás da cabeça e umas calças, que os escondem da cabeça aos pés. Como adereço ao fato, na cara usam uma máscara, calçam socos de madeira ou botas com polainas, à cintura e entrelaçados às costas e ao peito usam cintos de couro ou correntes onde prendem chocalhos e campainhas, que emitem sons estridentes à medida que se movimentam e na mão agarram um *cajoto*, um pau grosso, que usam para com ele deambular, saltar e fazer as mais variadas tropelias. Em alguns trajes é comum pender do capuz lã felpuda ou um rabo-de-raposa.

Nos dias de hoje, socorrem-se de fatos-macaco que enriquecem com inúmeras camadas de franjas de tecido de cores garridas que vão contrastando, os restantes adereços são semelhantes.

Os trajes dos “caretos” diferem bastante de localidade para localidade. Contudo, sendo a localidade a mesma e saindo os “caretos” em grupo, a uniformidade nos trajes é um princípio.

Estes devem ser confeccionados de forma semelhante e recorrer a materiais análogos, também as cores devem ser predominantemente idênticas. Tais factos permitem que os “caretos” sejam facilmente identificados com sua localidade.



**Figura 4** | O traje e os adereços dos “caretos” (Fotos próprias)

#### 4.3.2 A máscara

A máscara é considerada um dos elementos fundamentais das vestes destes protagonistas.

No entender de Pereira (1973, p.11) “Por vezes, elas integram-se em cerimónias que assumem carácter de verdadeiras representações dramáticas e através de trajes e atributos prefiguram seres sobrenaturais.”

Assim, ela surge como um adereço indispensável ao exercício das suas funções.

A máscara, com o seu simbolismo e poder mágico inerentes, constitui um aspeto fundamental deste rito. A máscara é o símbolo da passagem de um estado de consciência para outro, facilita ao jovem o «romper» da sua *persona* de adolescente e o subsequente renascer para a vida de adulto. Num rito mítico-religioso, o portador da máscara ganha uma nova personalidade e a vivência dessa relação constitui um mistério. O seu simbolismo está estritamente relacionado com os seres do «outro mundo», sejam antepassados mortos ou divindades (Loução, 2002, p.345).

Para Mattoso (2001) citado em Loução (2002, p.346) “As máscaras que encarnam os mitos têm, obviamente, uma eficácia muito maior do que a mera recitação oral, devido ao facto de se usarem em rituais com uma enorme carga emotiva”.

As máscaras são elaboradas por artesãos locais especialistas nesta arte ou pelos próprios rapazes que as trabalham ao longo do ano e que depois usam nas festividades. As mais elaboradas recorrem a elementos zoomórficos, como lobos, raposas, serpentes e salamandras a sair da boca e em volta da testa ou ainda a figuras diabólicas (Tiza, 2013a).

Como matéria-prima na sua elaboração, os artífices ou rapazes, usam a madeira, o couro, as peles, a cortiça, a palha, as raízes e caules de determinados arbustos e ainda o latão que é posteriormente pintado.



**Figura 5** | A máscara dos “caretos” (Fotos próprias)

#### **4.4 O SAGRADO E O PROFANO EXPRESSO NOS RITUAIS E TRADIÇÕES**

A observância de princípios cristãos e de crenças religiosas, assim como a superstição são factos ainda bem gravados na população do Nordeste Transmontano pois:

acredita nas forças misteriosas dos espíritos malignos que povoam os lugares mais recônditos; na vinda dos mortos em certos dias do ano; nas mouras encantadas que guardam tesouros preciosos e em mouras escondidas nas fontes; no poder das águas, isto é, na força da natureza denunciando ao mesmo tempo o sentimento de respeito e de medo (Maciel, 1998, p.72).

Este facto igualmente partilhado por Tiza (2004, p.277) que relembra que:

O homem transmontano é profundamente religioso; exprime sobretudo a sua religiosidade nestas manifestações festivas, assumindo um modo de existência específica, que é só seu, perante o mundo, agora pela via da mediatização. Crê na existência de uma realidade absoluta, o sagrado, e sacraliza o que aparentemente se afigura profano, ao dar seguimento natural aos gestos míticos e nas formas histórico-religiosas dos seus avós. É assim que estas comunidades se mantêm numa aproximação cíclica aos modelos divinos, conservados pelos mitos e pela tradição vigente e atuante.

Nos rituais cumpridos pelos “caretos”, no decorrer das festividades do ciclo do inverno, em terras transmontanas, subsistem dois aspetos que se misturam e se confundem, o sagrado e o profano ou, o cristão e o pagão.

O sagrado e o profano, o cristão e o pagão são uma constante na ligação com a natureza e o seu culto; a terra e o sol, a fecundidade e a abundância, o ato profilático de purificação das comunidades e o ato propiciatório à divindade (...) de dar para receber muito mais; uma atitude cristã de louvor e uma espécie de paganismo funcional, a relação mais pragmática do homem com o sobrenatural (Tiza, 2004, p.15).

Os cultos a prestar nas festas de inverno no Nordeste Transmontano são diferentes de aldeia para aldeia, assim como, diferentes são os rituais. Uns são consagrados ao nascimento de Jesus Cristo e aos santos e são levados a cabo no espaço sagrado, a igreja e o adro. Outros “são celebrados em honra dos deuses, do Sol e da Natureza, no espaço profano que é a rua e a praça pública” (Tiza, 2004, p.15).

Mesmo que se trate de uma festividade tipicamente pagã, como as festas do clico dos doze dias do Natal à Epifania, a liturgia cristã encontra-se sempre presente no ato festivo, bem como, os rituais de liturgia pagã refletem elementos cristãos, por exemplo, a “ronda protocolar dos líderes e dos mascarados onde se recolhem esmolas para a festa religiosa dos santos, da Virgem Maria ou do Menino Jesus” (Tiza, 2004, p.15).

No decorrer destas rondas, de caráter profano, também se come e bebe e os “caretos” chocalham, gritam e dançam ao som da gaita-de-foles, do bombo e da caixa. Misticamente o barulho dos chocalhos dos “caretos” e da algazarra feita pelos mesmos, afasta os demónios e o azar. O silêncio instaura o medo: por isso os chocalhos e os *hi! gu! gus!* aquando das loas. A tragédia grega, - o canto do bode, animal que só emite som quando está para morrer, nos tempos medievais, o bode foi conotado com o demónio e a feitiçaria - motivava os gregos à algazarra nos teatros para afugentar a morte e o silêncio da não vida. Os chocalhos e o barulho têm o mesmo significado. Os líderes, igualmente conhecidos como *reis* ou *mordomos*, são incumbidos da organização quer profana, quer religiosa da festa.

O acompanhamento do gaiteiro em toda a liturgia da missa e da procissão pode ser considerado uma forma de intromissão do profano no sagrado já que, por norma, a gaita-de-foles sempre foi considerada um instrumento profano e, portanto, sempre se manteve afastada dos rituais sagrados, ficando apenas reservada para os divertimentos populares e para os rituais profanos de cariz pagão (Tiza, 2004, p.17).

Um outro elemento simbólico da liturgia pagã passa pelo ritual da purificação comunitária que, consiste na crítica social realizada na praça pública. Esta crítica social é descrita por Tiza (2004, p.19) como os:

acontecimentos mundanos e pertencentes à realidade local, mas que envolve algo de mágico e sacralizante: a purificação ou expurgação social da comunidade, a eliminação dos seus pecados pela via de uma espécie de “confissão” pública ou divulgação, e a profilaxia social, a preparação da comunidade para a entrada do novo ciclo produtivo que vai começar com a entrada no novo ano. É necessário para tal, e é isso que os “caretos” vão representar, criticar a comunidade no seu todo ou em alguns dos seus membros, famílias ou grupos sociais: pôr a descoberto os comportamentos reprováveis no sentido de purificar ou absolver os seus autores e de prevenir que voltem a ser praticados.

Desta crítica social fazem ainda parte as danças, as representações, os gritos e as chocalhadas dos “caretos”.

Aos “caretos”, considerados figuras profanas e diabólicas, não é permitida a presença nos espaços sagrados. “Para assistirem à liturgia da missa estas personagens devem despojar-se da máscara e das vestimentas, interrompendo nessa altura as suas funções rituais pagãs” (Tiza, 2004, p.17).

Outro instante onde o sagrado e o profano se misturam e, onde às figuras consideradas diabólicas e mágicas já é permitida a sua participação, é na ritual refeição comunitária, a *Mesa de Santo Estêvão*, onde o essencial é o pão, benzido pelo padre no decorrer da missa, o vinho e



os frutos da terra. Nestes rituais festivos, regista-se a presença do trabalho e do seu fruto, o pão e o vinho, considerados elementos sagrados.

Segundo Tiza (2004,p.277), “são estes ritos que permitem o estabelecimento das relações com a divindade, com os mortos, e que tornam viável a sociabilidade entre os membros de uma comunidade, expressando a sua forma de pensar coletiva, o seu querer e o seu agir, o seu modo de viver”.

Verifica-se que o reconhecimento e a conexão que existe entre o sagrado e o profano, o cristão e o pagão, bem como o natural, é perseverante nestes rituais festivos do ciclo do inverno, está presente nos que neles acreditam e neles participam. Porém, a crença e a fé, vincada nestas terras, não finda com o ritual, mas prosseguem no interior de cada um.

É esta riqueza de situações e vivências que podemos ainda hoje encontrar nas festas do ciclo do Inverno no Nordeste Transmontano, em que o sagrado e o profano andam de mãos dadas, numa convivência mais que perfeita e numa união tão harmoniosa como a que liga o homem rural à terra e à Mãe-Natureza (Tiza, 2004, p.24).

#### **4.5 FESTA DOS RAPAZES**

Os ritos solsticiais, ainda hoje, se fazem vincar na *Festa dos Rapazes* comemorada em algumas das aldeias transmontanas. A verdadeira essência destas festividades está patente nos seus protagonistas, os rapazes, o que nos remete para as antigas Juvenalias.

A *Festa dos Rapazes* é uma das denominações pela qual podem ser identificadas estas festas de inverno pois, são também conhecidas como *Festa dos “Caretos”*, *Festa do Natal* e *Festa dos Reis*.

Esta festividade é “uma espécie de rito que assinala o ingresso dos moços na classe de idade dos adultos, composto de vários episódios dos quais, em geral, são totalmente excluídas as mulheres” (Pereira, 2003, p.10).

Este rito representa assim, a passagem da idade juvenil do sexo masculino, cerca de dezasseis anos e solteiros, para a idade adulta, assumindo estes a liderança das celebrações.

A *Festa dos Rapazes* ocorre entre os dias 25 de dezembro e 6 de janeiro, consoante a localidade, e os principais momentos sequenciais que constituem a festa são as rondas pela aldeia; a missa em honra do santo homenageado na localidade onde é obrigatória a presença, à exceção dos “caretos”, uma vez que a estes é interdito o espaço sagrado; as refeições comunitárias e os bailes.

Os jovens de cada aldeia elegem, entre si, os seus representantes anuais, dois *mordomos* e/ou um *juiz*, aos quais é atribuída a direção da festividade (Seleções do Reader's Digest, 1982).

Em algumas das aldeias, é logo de madrugada, no dia de Natal, que o grupo de jovens se faz acompanhar pelo gaiteiro e, percorrendo todos os caminhos da aldeia, dão a alvorada até de manhã, onde então tem início a primeira refeição coletiva na casa de um dos mordomos (Seleções do Reader's Digest, 1982).

De seguida, os jovens assistem à missa e logo após o beijar do Menino-Jesus, rapidamente saem para se mascarar e se concentrarem no largo da aldeia junto às pessoas que, entretanto também elas já saíram da missa, para dar lugar ao *colóquio*, *comédias* ou *loas*, assim designadas, consoante a localidade. Para este fim é improvisado um palco, geralmente em cima de um carro de bois, onde perante todos os vizinhos, um dos rapazes, com ou sem máscara, começa por desejar, em verso, boas-festas à população presente. Posteriormente, cada um dos mascarados, comenta sarcasticamente, também em forma de quadra, as ocorrências sociais caricatas exercidas por alguns dos habitantes locais surgidas durante o ano. O coletivo ouve com inquietação já que, nunca se sabe quem serão os citados nesta crítica social em plena praça pública (Pereira, 2003).

Já no século passado, Abade de Baçal<sup>1</sup> na sua obra – *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança* – descreve estes acontecimentos como:

*As Loas, Comédias ou Colóquios, espécie de revista do ano*, constam da apreciação irónica, sarcástica e mordente muitas vezes, dos acontecimentos ridículos ou como tais apreciados, feita em verso por bordo local, e recitada de um tablado ou ponto elevado por um dos feitores cercado dos colegas, que aplaudem cada quadra soltando estrídulos *hi! gu! gus!* por cima da chocalhada ensurdecadora e fazendo cabrioladas encostadas aos paus de ferrão. As trances do vizinho para sacar a burra do lamaçal onde se lhe enterrou; a morte desta e respetivo testamento, em que se contemplam os vizinhos com deixas; as aflições da dona de casa a quem o cão ou o gato escapou com o bocado de salsicheira; aquele, porque ao matar o porco o deixou, ainda vivo, fugir do banco; este, porque um cigano lhe enfiou, em troca da cavalgadura boa, chaguenta azémola, são outros tantos motes da versalhada, que vastas vezes pulsa também a nota realista, causticando as leviandades femininas em pontos de castidade (Alves, 2000, p.291).

Estes episódios dizem respeito a algo que se encontra fora dos padrões locais e sociais aceitáveis e são satirizados de modo divertido a fim de serem eliminados. Isto é, são criticados os comportamentos e acontecimentos sociais mais caricatos que não vão ao encontro das regras aceites pela comunidade. No final de cada quadra os demais “caretos” saltam e gritam.

<sup>1</sup> Abade de Baçal - Francisco Manuel Alves – foi um ilustre Padre, etnólogo e arqueólogo que marcou profundamente o estudo da história do distrito de Bragança. Nasceu na aldeia de Baçal, distrito de Bragança, e assim ficou conhecido como o Abade de Baçal.



Concluído o *colóquio*, *comédias* ou *loas*, o grupo de jovens dá início à *ronda*, visita cerimonial a todos os habitantes da aldeia, percorrendo assim todas as casas, onde em cada uma delas, os moços comem e bebem. Nela participam, obrigatoriamente, os “caretos” e os *mordomos* que se fazem acompanhar da tradicional música da gaita-de-foles, do bombo e da caixa. Os *mordomos* sustentam as *cajotas*, varas ou ramos onde são penduradas as oferendas dos vizinhos, que se baseiam nos produtos locais e da terra, designados de *mimos*. (Pereira, 2003).

É aqui, na *ronda* que os “caretos” mostram a sua superioridade perante o povo, criando brincadeiras e jogos e atormentando as moças. A *ronda* assume várias funções, de saudação aos habitantes da aldeia, de convocação para a missa solene da festa, de peditório, ou ainda de convite para as refeições (Tiza, 2004).

Terminada a *ronda*, em algumas localidades, os rapazes juntam-se num espaço amplo ao ar livre para disputarem a corrida à rosca (Seleccções do Reader’s Digest, 1982).

De importância significativa, a ceia e o baile que se lhe segue, anunciam o encerramento da festividade. E é aqui que especialmente os moços convidam as raparigas da aldeia a participar, é aqui onde os dois grupos se juntam, que se dá o primeiro encontro, “na plenitude e exaltação, por parte dos primeiros, do novo *status* de homens adultos a que o percurso deste ritual os conduziu, e ao longo do qual a máscara consentiu a inversão de normas, a quebra de interditos, a agressão ritualizada” (Pereira, 2003, p.10)

Inerentes à *Festa dos Rapazes* existem características e ritos comuns a todas as festividades como por exemplo:

- ✓ Os rituais mais relevantes da festa são de exclusiva dinamização e organização dos rapazes. Os jovens líderes detêm elementos de autoridade, coroas, chapéus enfeitados e varas, que ostentam de forma bem visível para toda a comunidade, como ícone de afirmação e poder organizativo;
- ✓ As *rondas* e as visitas protocolares a todos os habitantes da aldeia;
- ✓ Os ritos sagrados cristãos, bem como os ritos paganizantes, ambos integrantes da festa;
- ✓ A música tradicional da gaita-de-foles, elemento imprescindível aos atos profanos e em algumas aldeias às cerimónias cristãs;
- ✓ As refeições comunitárias, umas interditas à participação das raparigas, crianças e homens casados e outras abertas a toda a comunidade;
- ✓ A alegria continuamente aliada ao abuso da comida e da bebida, à música e à dança (Tiza, 2004).

Assim como características e ritos específicos de algumas festividades, dos quais se podem salientar:

- ✓ A presença dos “caretos”, que integram as figuras centrais de todo o desenrolar da ação festiva uma vez que, cumprem os mais variados papéis, fundamentais na animação, conferindo um significado específico à própria festa de cariz iniciático;
- ✓ A crítica social, *colóquio*, *comédias* ou *loas*, que traz à praça pública os “factos ridículos” ocorridos na aldeia com o objetivo de serem eliminados;
- ✓ Os peditórios porta-a-porta, por toda a aldeia, visam a celebração festiva que se reverte a favor do culto ao santo;
- ✓ As provas de resistência física e luta simuladas entre os rapazes, pretende demonstrar a admissão dos jovens iniciados no *status* dos adultos (Tiza, 2004).

Loução (2002, p.339) reaviva que “As Festas dos Rapazes realizadas no Nordeste Transmontano, com mascarados, no período do solstício de Inverno, quando as temperaturas atingem vários graus negativos (...) são dos ritos de fundo esotérico mais enigmáticos do nosso país”.

#### 4.5.1 A Festa dos Rapazes de Aveleda

Aveleda é uma freguesia do concelho de Bragança, situa-se na designada Baixa Lombada e encontra-se integrada no Parque Natural de Montesinho.



**Figura 6** | Localização da freguesia de Aveleda (Tiza e Gutiérrez, s.d., p.8)

Celebra de forma peculiar a *Festa dos Rapazes* nos dias 25 e 26 de dezembro, sendo o dia principal dos festejos o dia 25, daí a celebração também ser conhecida como *Festa do Natal*.

A bem dizer, os preparativos da festividade iniciam-se no dia de *Todos-os-Santos*, 1 de novembro, com a recolha da “lenha das almas”, levada a cabo pelos rapazes da terra. Esta é arrematada no centro da aldeia com o objetivo de angariar fundos para as despesas da festa.

Os últimos preparativos são feitos no dia 24 do mesmo mês. Após a consoada, nesta noite os rapazes “ensaíam as comédias, provam os fatos, dão os últimos retoques no ajuste da máscara, planeiam as partidas que vão pregar e as “vítimas” a quem se destinam, definem estratégias de ataque aos seus alvos de estimação” (Tiza, 2004, p.39).

No dia de Natal o ritual festivo tem início com a Alvorada pelas ruas da aldeia ao som da gaita-de-foles. Depois, o cortejo, do qual fazem parte os rapazes, os mordomos e o gaiteiro, segue para o adro da igreja, dentro de momentos iniciar-se-á a missa, onde os rapazes se mantêm unidos e organizados. No final da eucaristia, estes, antecedem-se ao restante povo para beijar o Deus Menino e repentinamente saem, vão vestir o traje e colocar a máscara. Prontamente transformados em “caretos” vão de seguida assumir funções. É agora, após a saída da liturgia que a população se concentra para o momento protocolar da crítica social.

O som da gaita-de-foles e do tambor chama o povo e impõe um silêncio pesado. Apesar de todos saberem o que vai acontecer, a expectativa envolve os presentes. Então, de um inesperado recanto da aldeia, surgem os “caretos”. Quase duas dúzias de rapazes solteiros envergam um felpudo fato cheio de tiras coloridas e uma simbólica máscara de lata. Vêm em alegre correria, fazendo balançar os chocalhos das vacas que trazem pendurados na cintura ou à tiracolo. Chegados ao largo, logo se perfilam formando um corredor e, no meio, surge um rapaz de cara descoberta. É a ele que cabe a leitura das comédias ou das loas, umas quadras satíricas sobre os casos de último ano da vida da aldeia e que constituem o ponto alto das festas (Caetano e Vasco, 2000) citado em (Tiza, 2004, p.40).



**Figura 7** | As comédias (adaptado de Tiza e Gutiérrez, s.d., p.9)

Terminadas as *comédias* os moradores reúnem-se em casa e num ambiente familiar dão início ao almoço. Durante a tarde mais rondas acontecem nas ruas da aldeia onde os “caretos” fazem das suas e recolhem o mais que podem em gorjetas.

No dia seguinte, dia de Santo Estêvão, é organizado um almoço onde são nomeados os novos mordomos, os rapazes que nunca exerceram tais funções, visando manter a continuidade da festa. Para o jantar, neste dia, como que num gesto de cortesia e integridade na celebração, é convidada a presença das moças solteiras da aldeia.

#### 4.5.2 A Festas dos Rapazes de Varge

Varge é uma povoação que se encontra anexada a Aveleda, igualmente situada na Baixa Lombada e integrada no Parque Natural de Montesinho. Celebra também, de forma própria, a *Festa dos Rapazes* nos dias 25 e 26 de dezembro e similarmente aqui o dia principal dos festejos é o dia 25.

O ritual festivo e os protagonistas identificam-se com o da *Festa dos Rapazes* em Aveleda. Contudo, alguns aspetos se distinguem. Aqui, antes do recitar das *loas*, *comédias* ou *colóquios* “Um grupo denso de populares leva com um monte de feno em cima, as raparigas são abraçadas, a água da fonte é espalhada e os próprios Caretos entram ao som dos seus chocalhos e gritos estridentes (*hi, gu, gus, ...*) num certo estado de loucura” (Loução, 2002, p.342).

Depois, aquando das *loas*, *comédias* ou *colóquios* cada um dos rapazes, metamorfoseado de “careto” encarrega-se de relatar um dos acontecimentos do ano na aldeia. Alguns destes factos são representados ao vivo, de forma teatral pelos próprios “caretos”.



**Figura 8** | As loas (Tiza, 2013, s.p.)

Quando o ritual termina, são as *rondas* de Boas Festas, onde os mordomos desfilam com umas varas em forma de árvore com inúmeros ramos onde são colocadas as dádivas dos moradores.

Os “caretos” continuam com as suas travessuras e os habitantes da povoação recebem-nos, em grande parte dos casos com bolos e Vinho do Porto. Todos gostam de ouvir bater os “caretos” à sua porta, pois os jovens mascarados representam a energia do ano novo, que se quer fértil e abundante (Loução, 2002, p.343).



**Figura 9** | A ronda de Boas Festas (Tiza, 2004, p.52)

Ao cair da noite, como que uma prova de resistência física dos moços iniciados, tem lugar a corrida à *rosca*, um tradicional e típico pão doce, onde cada vencedor é presenteado com uma que fraternalmente reparte por todos (Tiza, 2004).

À noite é feito um jantar só com a presença dos rapazes solteiros da confraria e dos cozinheiros.

No que diz respeito ao dia 26 de dezembro, Loução (2002, p.343) descreve um acontecimento bem característico do ritual desta festividade em Varge:

No dia seguinte, a hora da alvorada não é divulgada, mas quando o gaiteiro tocar, todos têm de estar presentes. Os que não estiverem «*vamos busca-los à cama e levam-se a tomar banho ao rio. Em 2000 tivemos que partir o gelo para cumprir a tradição*», testemunhou-nos Ângelo Preto. A ideia de estar a ser posto à prova é uma constante destas Festas dos Rapazes, exclusivas dos solteiros.

No dia de Santo Estêvão, a missa é dos rapazes e de culto ao santo e o almoço é um convívio próprio dos mesmos. Já o jantar é partilhado com as raparigas solteiras da terra. No final da refeição são eleitos os novos mordomos que garantem a continuação da milenar tradição.

## 4.6 FESTA DE SANTO ESTÊVÃO

Nas aldeias do Nordeste Transmontano, o culto a Santo Estêvão, manifestado no ciclo das festividades de inverno, encontra-se associado à já supracitada *Festa dos Rapazes*.

“Além da imagem do santo nas respectivas igrejas paroquiais, a celebração do seu dia numa festividade especial (...), denota uma amálgama de elementos religiosos, mágicos e profanos” (Seleccções do Reader’s Digest, 1982, p.59).

Martins (1997, p.131) realça que “De todas as festas, porém, que melhor conservaram a influência pagã, são as que pertencem ao ciclo do Natal. E, de entre estas, a que mais perdurou na memória do povo é a de Santo Estêvão.”

Segundo Afonso (1981, p.26), o calendário litúrgico veio “colocar o Santo Estêvão no ciclo do Natal”, mais propriamente no dia 26 de dezembro, coincidindo com o passado pagão. Por estes dias eram comemoradas as antigas *Juvenalias*, as festas dos jovens, daí, no presente a festa ocorrer todos os anos entre os dias 25 e 28 de dezembro.

Santo Estêvão é um jovem mártir do cristianismo, e por ele próprio ser um santo jovem, é considerado o patrono dos rapazes, daí a festa adotar a denominação do santo. Consoante a localidade onde é celebrada, esta festa é também conhecida como *Festa dos “Caretos”* ou *Festa dos Rapazes* (Tiza, 2013a).

A festa é organizada e promovida por um ou dois *mordomos* que em algumas localidades exercem a função de *Rei* e *Bispo*, estes fazem-se acompanhar por dois rapazes, os *vassais* ou *meirinhos*. Os líderes são nomeados pela comunidade, embora em casos especiais, seja um cumprimento de promessa, noutras localidades estas funções cabem aos rapazes da aldeia (Seleccções do Reader’s Digest, 1982).

A festa inicia-se logo pela manhã com a *ronda*, no decorrer da qual o *Rei*, os *moços* e o gaiteiro, acompanhados pelos “caretos” percorrem todas as casas dos vizinhos da aldeia, onde em cada uma delas, saúdam os moradores, comem, bebem, cantam, dançam, recolhem as esmolos para a igreja e as iguarias para a refeição comunitária (Maciel, 1998).

Findada a *ronda*, os “caretos” atrelam-se a um carro de bois e encaminham-se para a casa do *Rei* e transportando-o juntamente com os *vassais*, uma espécie de pajens que acompanham o *Rei*, rumam ao adro da igreja. Aqui, o sacerdote espera-os e benze-os para juntos seguirem até à igreja, onde no decorrer da eucaristia, presidida pelo padre, se encontram de costas voltadas para o altar-mor. No decorrer da celebração eucarística, um considerável cesto, com grandes pães, colocado junto ao altar é então benzido para posteriormente ser consumido na “*Mesa de Santo Estêvão*” ou “*Mesa do Povo*” (Pereira, 2003).

No final da missa, em procissão, os *moços* transportam o andor de Santo Estêvão e juntamente com o padre, os músicos e o povo da aldeia, dão volta à igreja e dirigem-se para o local onde se encontra a “*Mesa de Santo Estêvão*” ou “*Mesa do Povo*”. Esta terá sido preparada, ao ar livre, pelas raparigas com as iguarias angariadas no decorrer da *ronda* (Pereira, 2003).

Num dos extremos da mesa é colocada uma outra, mais pequena, destinada ao *Rei* do ano corrente, ao seu sucessor para o ano seguinte e ao pároco. Os *moços* durante a refeição distribuem fatias de pão, que havia sido benzido na missa, junto com vinho a todos os elementos presentes (Pereira, 2003).

Terminada a refeição, o pároco benze a mesa e reza pelos mortos. É agora que os “caretos” que “até então faziam as habituais diabruras e brincadeiras levantam a máscara, sossegam e colocam-se à volta da mesa” (Tiza, 2004, p.18).

À noite são as *galhofas*, assim designado o animado baile que se estende noite dentro. Dependendo da localidade onde se realizam, as *galhofas*, além do baile podem assumir outro exercício, as lutas simuladas entre os rapazes, cujo objetivo é imobilizar o adversário.

Neste sentido, os “caretos” estabelecem nesta, bem como nas outras festividades, a figura fulcral em torno da qual a essência festiva se desenrola. Pois, acompanham todas as *rondas* cerimoniais à aldeia e, em determinadas localidades são os próprios que arrecadam as oferendas do povo e posteriormente as repartem para fins comunitários, como a *Mesa de Santo Estêvão* e as missas pelas almas. (Pereira, 2003).

Características comuns a todas as festividades são o exemplo dos “caretos”, o *rei* e dois *vassais*, o *mordomo*, o *Bispo*, os *moços*, o gaiteiro, o bombo e a caixa, a inclusão dos rapazes no contexto festivo, a participação de todos os habitantes, a refeição comunitária, a *ronda* a todas as casas da aldeia, o *colóquio*, *comédias* ou *loas*, os peditórios e as ofertas em favor do culto ao santo, as provas de resistência física e as *galhofas* (Maciel, 1998).

#### **4.6.1 A Festa de Santo Estêvão de Ousilhão**

Ousilhão é uma freguesia do concelho de Vinhais, Alto Trás-os-Montes, que continua a celebrar de forma muito tradicional nos dias 25 e 26 de dezembro a Festa de Santo Estêvão.





## Os protagonistas da festa

Os protagonistas intervenientes nesta celebração são os *mordomos* – um *rei* e dois *vassais* – quatro *moços*, um gaiteiro e dois tamborileiros e os *máscaros*. O padre colabora também com as suas funções pois, preside a eucaristia e a procissão, intervindo igualmente na *Mesa de Santo Estêvão*.

Os *mordomos* estão incumbidos da preparação da festa e em todos os atos o *rei* se faz acompanhar dos dois *vassais*. Como adereços que os destacam, o *rei* usa uma coroa feita de papel, forrada com tecido de seda verde e adornos dourados e uma vara que sustenta com a mão direita e que na ponta sustém uma laranja, os *vassais* detém indumentária idêntica, embora mais simples, também as varas que estes sustentam são menores (Bragança et al., 2009).



**Figura 11** | O rei e os vassais (Tiza e Gutiérrez, s.d., p.17)

Os quatro *moços* destacam-se nos momentos mais solenes da festa, acompanhados pela tradicional música da gaita-de-foles, do bombo e da caixa, e com castanholas nas mãos, dão a volta à aldeia onde cantam e dançam dentro e fora das casas de cada um dos habitantes. Os *moços* aparecem “enfeitados com chapéus torneados na copa por uma fita de seda com as pontas pendestes sobre as costas, um bonito lenço de lã de cores garridas – vermelho e amarelo – também sobre as costas e atado à frente com um nó” (Maciel, 1998, p. 84).

O gaiteiro e os dois tamborileiros acompanham todos os rituais festivos.



**Figura 12** | Os moços, o gaiteiro e os tamborileiros (Foto própria)

Os *máscaros* acompanham também todo o ritual festivo, à exceção do espaço sagrado onde é entredito o seu aparecimento, pois, no sentido de animar a festa, a sua presença ativa é fundamental. Estes surgem em grupos e em grande número e no dia da festa tomam conta da aldeia.

Os “*máscaros*” desta localidade:

Apresentam-se trajados por um fato de cores garridas – vermelho e amarelo – feito de colchas de lã, com franjas e capucho, que envolve toda a parte de trás da cabeça. De cajoto na mão, com correntes, chocalhos e campainhas presas em torno da cinta por um cinto de couro, emitem sons estridentes à medida que se movimentam. Calçam socos de madeira ou botas com polainas até aos joelhos e envergam uma máscara de madeira de castanho – figura de homem e figura de animal, ou figura de homem com traços perversos e distorcidos – com olhos vazados, pestanas e sobrancelhas gravadas a fogo, nariz adunco com narinas vazadas, boca serrilhada a fogo e, por vezes, língua pendente. Assim, umas apresentam uma serpente a sair da boca, da testa ou das orelhas grandes e ovaladas que saem debaixo do capucho, outras têm incorporado na testa da figura humana chifres, ou cabeças de animais nomeadamente cabras ou lobos. De um modo ou de outro, todas têm um aspeto terrífico e diabólico que causa um sentimento estranho a quem as observa (Maciel, 1998, p.85).



**Figura 13** | Os máscaros de Ousilhão (Tiza, 2013a, s.p.)

### **O ritual festivo**

A festa começa na tarde do dia de Natal no largo da igreja. Constituído o cortejo, do qual fazem parte os quatro *moços*, o gaiteiro e os dois tamborileiros, sempre acompanhados por um grande número de *máscaros* tem início a *ronda* a todos os moradores da aldeia. Esta é a de Boas Festas. O cortejo pára em todas as casas e em cada uma delas, os *moços* dançam, cantam, comem, bebem e arrecadam a esmola para a festa. A saudação de boas festas a cada uma das famílias que os recebe é feita em jeito de verso:

“Estas casas são caiadas  
Cá por dentro, cá por fora;  
Muitos anos nelas vivam  
Os senhores que nelas moram

Estas casas são caiadas  
E o soalho é de vidro;  
Muitos anos vivam nelas

As mulheres com seus maridos” (Tiza, 2004, p.117).

Após a saída dos *moços* de cada casa, entram as figuras diabólicas, os *máscaros*, onde se movimentam “desordenadamente ao som dos chocalhos e correntes que portam. A sua função é ritualizar a desordem e o caos, criar um ambiente de instabilidade psicológica. Fazem gestos obscenos, espojam-se no chão de forma animalesca, realizam pequenos roubos, expulsão os residentes de suas casas, etc” (Loução, 2002, p.357).

No dia de Santo Estêvão, de manhã bem cedo tem lugar a *ronda* das Alvoradas onde o ritual se repete e os protagonistas são os mesmos, embora esta seja motivada pelo culto ao santo. Aqui, a saudação agora é feita em louvor de Santo Estêvão:

“Alvoradas, Alvoradas!

Pela manhã, muito cedo.

Vamos dar as alvoradas

Ao milagroso Santo Estêvão.

Alevantem-se os senhores

Desses escanos dourados

Dar esmola ao Santo Estêvão

Que esse vos dará o pago” (Tiza, 2004, p.118).

Após o cortejo a todas as casas, sempre acompanhado pela música tradicional, este dirige-se para o adro da igreja onde se dá por concluída a *ronda*.

Antes da missa, um carro de bois é preparado pelos *máscaros* no qual vão buscar o *rei* e os *vassais* para transportar até à igreja. Estes são recebidos pelo pároco à porta da igreja onde os abençoa. Assistem à missa de Santo Estêvão junto ao altar-mor trajados a rigor, ao seu lado estão também os quatro *moços*. No decorrer da eucaristia, o sacerdote procede à bênção do pão que se encontra também junto ao altar-mor dentro de uns grandes cestos, o qual será distribuído e consumido na *Mesa de Santo Estêvão* (Bragança et al., 2009).

No final da missa, é realizada uma procissão em volta da igreja com o andor de Santo Estêvão. Após a procissão, de novo o *rei* e os *vassais* são transportados pelos *máscaros* no carro de bois até ao largo onde se fará a refeição comunitária.



**Figura 14** | Transporte do rei e vassais pelos máscaros (Tiza e Gutiérrez, s.d., p.17)

Os *máscaros*, estes encontram-se afastados da igreja e do adro, mantendo-se sossegados todo o tempo da liturgia e da procissão.

De seguida tem lugar a *Mesa de Santo Estêvão*, à cabeceira da mesa sentam-se o *rei*, os *vassais* do ano corrente bem como os nomeados a exercer funções no ano seguinte e o sacerdote. Os *moços* estão encarregues de distribuir o pão e o vinho pela população presente.

Concluída a refeição, o padre benze a mesa e reza pelos mortos, depois é o próprio que faz a transmissão dos poderes dos antigos para os novos líderes, “retira a coroa da cabeça do “rei” cessante e a coloca na cabeça do novo, tomando nas mãos as varas dos “vassais” em fim de mandato para as entregar aos novos que acabam de ser nomeados” (Tiza, 2004, p.121).



**Figura 15** | Transmissão dos poderes (Maciel,1998, p.167)

Os *máscaros* entram em ação, agora juntamente com o povo para saudarem o novo *rei* e os novos *vassais*. De novo, um cortejo, agora com os novos líderes a serem transportados no carro de bois com os *máscaros* e todo o povo até à casa dos novos eleitos onde novamente se come, bebe e dança (Bragança et al., 2009).

Estendendo-se pela noite, a *galhofa* (baile), um ponto do ritual de elevado destaque, é ao som da música tradicional. Também aqui se conta com a participação de todos os moderados da festividade, novos e velhos, sem esquecer os *máscaros*, os grandes protagonistas e animadores pelo decorrer da madrugada.





**Figura 17** | Corrida à rosca (Tiza e Gutiérrez, s.d., p.21)

Aqui, os “caretos” envergam fatos “feitos de colchas de lã, com franjas e um capucho com um rabo pendurado. Na mão levam um cajado, ostentando, ainda, bandeirolas com chocalhos pendurados. A máscara é feita de metal leve” (Bragada, 1992, p.107).

#### **4.7 FESTAS DOS REIS**

Um outro ritual festivo celebrado em algumas das aldeias transmontanas, igualmente de cariz comunitário é a *Festa do Reis*, também designada *Festa dos Rapazes*, *Festa de Ano Novo* ou *Festa da Epifania* é celebrada no dia 6 de janeiro, dia da Epifania ou dia de Reis de acordo com o calendário litúrgico ou, no fim de semana mais próximo deste.

O ritual festivo segue o da *Festa dos Rapazes*, ou seja, é semelhante nas suas modalidades e exibições.

Durante a festa a juventude masculina lidera a vida da aldeia. Contudo, há que realçar uma vez mais os grandes protagonistas e animadores da festa, os “caretos”.

Esta festividade cíclica é tida como a mais “expressiva para o homem agrário: a festa da natureza, da fertilidade, da purificação e da religação dos vivos aos mortos, do profano ao sagrado” (Tiza, 2004, p.222).



#### 4.7.1 A Festa dos Reis de Baçal

Baçal é uma aldeia do concelho de Bragança, também ela integrada no Parque Natural de Montesinho.



**Figura 18** | Localização da freguesia de Baçal (Tiza e Gutiérrez, s.d., p.40)

Outrora a data festiva era cumprida à regra, 6 de janeiro, dia de Reis. Agora para se manter viva a tradição, esta é celebrada no fim de semana mais próximo do dia 6, pois, os principais protagonistas, os jovens, trabalham ou estudam fora da povoação.

No sábado os moços reúnem-se para em conjunto efetivarem as primeiras *rondas* e refeições.

No principal dia dos festejos, domingo, a alvorada pelas ruas da aldeia é ao som da gaita-de-foles. À tarde o povo reúne-se e dá-se o ritual mais simbólico da festividade, os *colóquios*. Estes são declamados, à vez, pelos “caretos”, que o fazem em cima de uma fonte de pedra, os restantes, no final de cada verso, aplaudem com saltos, gritos e chocalhadas (Tiza e Gutiérrez, s.d.).



**Figura 19** | Os colóquios (Tiza, 2004, p.236)





Nesta localidade, os “caretos” trajam com:

fatos de lã tecidos no tear, quanto mais coloridos melhor e enfeitados com franjas feitas manualmente. Na cabeça, um capuz do mesmo tecido com uma franja maior que cai até ao meio das costas. A cobrir a cara, uma máscara de cortiça pintada, com dois cornos na testa, ao jeito demoníaco. Na mão, um grosso pau que lhes facilita os gestos e atitudes diabólicos, feitos ritos mágicos (Tiza, 2004, p.247).



**Figura 22** | “Caretto” de Salsas (Tiza, 2004, s.p.)

E assim, encontram-se completas as festas celebradas no ciclo dos doze dias das festas de inverno.

## **4.8 FESTAS DE CARNAVAL**

A origem do Carnaval remonta às antigas festividades da Natureza, as Saturnais romanas e as Lupercais em honra de *Pan*, o deus dos rebanhos. Sustentando esta afirmação, Tiza (2004, p.256) refere que:

Recuando no tempo, podemos encontrar as origens do Entrudo nas antigas Lupercais, celebradas na antiga Roma, em meados de Fevereiro, em honra do deus Pan, protetor dos pastores e dos rebanhos. Como em qualquer festa digna deste nome, eram permitidos aos festejeiros todos os excessos, no uso e abuso da comida e da bebida e na fuga às normas e comportamentos socialmente instituídos, organizando-se, para tal, em sociedades secretas. As anomias eram praticadas e assumidas pelos próprios sacerdotes, constituindo verdadeiros rituais de apelo à fecundidade, no momento mais propício do ciclo da Natureza, a aproximação do seu rejuvenescimento, a entrada na Primavera. Era também o momento da

purificação e expurgação das pessoas e das comunidades, o que se processa pelos rituais de crítica social institucionalizada e a sua divulgação na praça pública.

O período do Carnaval dita o fim do inverno e anuncia a chegada da primavera. Em alguns locais, é celebrado o início da Quaresma, o longo período dos quarenta dias de jejum e abstinência.

O Carnaval ou Entrudo, assim popularmente designado em terras transmontanas, assinala o segundo momento das festas do ciclo de inverno.

Comemoradas por norma no decorrer dos três dias que compreendem o *Domingo gordo*, a *Terça-feira de Carnaval* e a *Quarta-feira de Cinzas*, em algumas povoações do Nordeste Transmontano onde ainda se fazem vincar, a tradição ainda é o que era, o entrudo ainda mantém as origens pagãs, ainda é tradicional e, de novo os “caretos” saem à rua para cumprir as suas funções. Tal realidade pode ler-se na Brochura da Associação de Melhoramentos, Festas e Feiras de Podence citada em Raposo (2004, p.16) onde realça que:

Em Portugal, as terras do interior, durante mais tempo isoladas e imunes às influências exteriores, não excluíram da sua vivência as tradições carnavalescas, conseguindo em alguns casos, preservar as suas características mais ancestrais e as suas relações com a herança popular teatral. Os *Caretos* (...) são a manifestação de uma tradição secular transmontana, que confunde elementos profanos, mágicos e religiosos e cuja origem se perde nos tempos imemoriais da História (...) a rusticidade do ambiente é indissociável desta figura misteriosa.

#### 4.8.1 A Festa de Carnaval de Vila Boa (Ousilhão)

Vila Boa é uma freguesia do concelho de Vinhais, em terras transmontanas, que celebra o Entrudo, onde no domingo gordo e terça-feira de Carnaval, os *máscaras*, assim denominados os “caretos” nesta localidade, são os principais atores.



**Figura 23** | Localização da freguesia de Vila Boa (Ousilhão) (Tiza e Gutiérrez, s.d., p.76)

## O momento/período da festa

Outrora, em Vila Boa, o culto da festa era em honra de Santo Estêvão. Tal como em Ousilhão, no dia 26 de dezembro, os rituais e os protagonistas em tudo se assemelhavam.

Com o passar dos tempos e, devido à desertificação que esta e outras aldeias foram sentindo, a festa foi transferida para o Carnaval, uma solução assim encontrada pelos dinamizadores dos festejos, no sentido de manter viva uma tradição em que o traje e a máscara são reis.

Nos dias de hoje, Vila Boa apenas celebra o Entrudo com principal incidência no próprio dia de Carnaval (Bragança et al., 2009).

## Os protagonistas da festa

Os protagonistas desta comemoração continuam a ser os rapazes. Estes colocam a máscara, vestem o traje e como em tempos antigos, os *máscaras*, cumprem os rituais. São eles que por estes dias dão vida à aldeia.

A indumentária dos *máscaras* de Vila Boa é idêntica à dos *máscaros* de Ousilhão. Embora aqui possam afigurar algumas máscaras feitas em latão (Tiza e Gutiérrez, s.d.).

Aqui os *máscaras* envergam um traje composto por uma:

máscara de madeira e latão velho que os rapazes continuam a construir, um fato – calças, casaco e gorro – com franjas feito a partir de uma colcha do tear, polainas, chocalhos e campainhas suspensos de correias de couro a tiracolo e cruzadas no peito e nas costas. Como instrumento das suas diabruras, usam um bastão grosso de madeira. Percorrem a aldeia atormentando os transeuntes, pretendendo castiga-los com bastonadas e fazendo tropelias ao gosto de cada um e de acordo com a sua capacidade imaginativa (Tiza, 2004, p.261).



**Figura 24** | Os máscaras de Vila Boa (Ousilhão) (Sousa, s.d. em Maciel, 2008, p.173)

## O ritual festivo

Na aldeia, o Entrudo adotou rituais festivos passados. Aqui, os *máscaras* continuam a desempenhar as mesmas funções que em tempos passados ritualizavam na *Festa de Santo Estêvão*. Surgem de qualquer canto da aldeia e, em pequenos grupos, correm-na de lés-a-lés. Atormentam todos por quem passam, o seu alvo favorito são as moças solteiras para as chocalharem, correm e saltam pela aldeia, fazendo soar o mais que podem os chocalhos e as campainhas, emitindo sons estridentes à medida que se movimentam, fazem as maiores diabruras e tropelias, sempre animando todo o povo (Bragança et al., 2009).



**Figura 25** | Os máscaras animando o Carnaval na aldeia (Foto própria)

## **PARTE IV – CONCLUSÃO DO ESTUDO DE CASO**

## CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho mostra como os rituais e as tradicionais festividades dos “caretos” – objeto de investigação – se conservam de uma forma bem viva nas povoações situadas no Nordeste Transmontano assim como estas festividades podem ser um potencial fator de atração turística e de desenvolvimento sustentável das localidades.

O fator que deu origem ao presente trabalho de investigação reflete-se no estado do desconhecimento destes costumes, valores e práticas tradicionais, culturais e etnográficas, resultante do abandono e esquecimento em que caiu este “reino maravilhoso” tão amado pelas suas gentes, visando para tal o seu processo de divulgação e revitalização. No decorrer da presente investigação, foram encontrados e identificados historiadores, etnólogos, investigadores, professores e estudiosos de grande distinção que foram indagando, investigando e relatando sobre estas práticas e costumes da cultura popular e da etnografia da região transmontana.

Não se pode analisar o ato do mascaramento apenas pelo lado da comunidade que o implementa, mas também, e particularmente, pelo lado da afinidade que se institui entre o sujeito, o mascarado e a simbologia, uma vez que é nesta simbiose que ela se dá e se instala como uma manifestação emblemática, representativa e figurativa de uma cultura.

Depreende-se que os rapazes das aldeias metamorfoseados de “caretos”, ao participarem e vincarem a sua presença nas festividades cíclicas, exercem funções mágicas, religiosas e sociológicas aceites com bom grado e desejadas por toda a comunidade.

Assim, compreende-se a importância e o valor que os mascarados representam na região transmontana, presos a contextos sazonais que afetam a vida desta comunidade que apresenta especificidades de interioridade e exposta ao isolamento, correndo o risco de se isolar nas suas próprias memórias, costumes e tradições.

Com auxílio nas palavras de Tiza (2013b, p.338) se expõe que “ as festas dos mascarados do distrito de Bragança (...) são ritos carregados do mais profundo esoterismo e simbologia; resistindo à passagem do tempo, conservando-se bem vivas na cultura dos povos que as sentem como seu património valioso e, por isso, constituem uma marca indelével da sua identidade”.

Entre o mês de dezembro e meados de janeiro, não se conhece aldeia, por mais desamparada de população que se observe, que não tenha o seu período de festividades. A estação natalícia reconhece o expoente máximo das celebrações mais verdadeiras, genuínas e autênticas, é o já referenciado ciclo dos doze dias, que compreende as Festas dos Rapazes, de Santo Estêvão, do Menino, do Ano Novo e dos Reis ou Epifania. Como salienta Tiza (2004, p.275) é o “tempo

festivo por excelência, em que a festa assume a sua verdadeira dimensão de remédio para o desgaste de todo um ano de trabalho, de descarga de actividade e de renovação da natureza”.

O inverno é a época festiva mais autêntica. De acordo com Tiza (2004, p.275):

o aconchego do lar, proporcionado pelo calor da lareira, permite um convívio íntimo, uma reflexão sobre a existência, um apego aos valores ancestrais. Ao recolhimento contrapõe-se o bulício da festa. Festas agrárias, de âmbito familiar. (...) a ambiência do Inverno proporciona o advento do sagrado; a delimitação entre sagrado e profano reduz-se ao mínimo. E a festa acontece.

Constata-se que o emaranhado destes rituais, muitas vezes incompreensíveis pela espiritualidade da sociedade contemporânea, fortalece e revigora a identidade das gentes que os comemora e os sustenta como uma riqueza de estima sobrenatural.

Com base num considerável trabalho de campo, nos trabalhos dos investigadores, bem como nos eventos culturais levados a cabo pelas autarquias locais focadas nestas temáticas, é possível obter um estado do panorama atual dos rituais festivos dos mascarados, onde Tiza (2013b, p.323) o define como:

São muitas as celebrações festivas de mascarados que permanecem vivas, sem qualquer interrupção temporal (...); as adaptações aos tempos atuais são inevitáveis e não interferem na sua essência nem no seu simbolismo que continuam a ser os mesmos que, desde há séculos, presidiram ao seu nascimento; aliás, se essas adaptações não tivessem ocorrido (...), muitas dessas festividades ter-se-iam perdido.

Outras que, com a modernidade e a crescente desertificação humana dos meios rurais, se encontravam mortas, ganharam vida, de novo; estavam presentes ainda na memória colectiva dos povos e, por acção das entidades locais (...) ressurgiram com o mesmo espírito e com a mesma função na vida destes povos: a harmonia social, a convivência necessária ao bom andamento das comunidades, a valorização da sua identidade cultural, a afirmação dos valores tradicionais e do património imaterial, o apelo à fertilidade dos produtos da terra, a expurgação dos males sociais, enfim, de tudo o que contribui para uma autêntica vivência comunitária.

Há ainda aquelas, poucas, que se encontram em fase de recuperação, por vontade expressa das autoridades locais que tentam acompanhar esta onda revitalizadora, seguindo o exemplo das localidades vizinhas que as preservaram (...).

E aquelas que definitivamente se perderam; neste caso, o tempo decorrido entre a perda e a atualidade é muito longo; só as pessoas mais velhas conservam na sua memória os rituais das celebrações, de forma que é remota a possibilidade de uma retoma consciente: sendo



ritos essencialmente juvenis, torna-se necessário que sejam os jovens a sentir o pulsar da celebração; na circunstância, ou os jovens são em número escasso ou encontram-se completamente alheados da tradição.

Pode-se pensar no desaparecimento da arte do mascaramento nos seus contextos festivos. Contudo, a força de vontade, a determinação e a tenacidade em manter vivas as tradições, os hábitos e costumes presentes nesta região, conduz a admitir a salvaguarda dos rituais festivos que envolve mascarados mais que não seja nas aldeias onde ainda na atualidade ostentam um lugar cativo, onde são respeitados como símbolo da cultura e da etnografia e característicos daquela localidade.

Pelo enraizamento destes rituais na região transmontana e pelo desejo da presença e atuação dos “caretos”, se intui que não se perderão mais festejos do que aqueles que já se perderam, acredita-se sim que se consigam recriar mais do que aqueles que já se recriaram e se permita reavivar a tradição.

Aos olhos da gente rural transmontana pouca importa se estes rituais festivos são baseados em factos históricos ou se detêm analogias com os rituais pagãos. Eles vivem e festejam ciclicamente estes rituais com mascarados numa amálgama entre, o sagrado e o profano, o cristão e o pagão, sempre com a mesma crença e exultação.

Este comportamento revela que as gentes da região persistem em manter vivas as essências culturais, os ritos, os mitos, os hábitos, os costumes, as crenças, as tradições, ou seja, a simbologia de um povo.

Certifica-se que a gente transmontana vive intensamente o emblemático das festividades, marcando presença assídua e vincada.

Em jeito conclusivo, o esoterismo da cultura transmontana assim como os rituais mantidos nos tradicionais festejos mítico-religiosos de origem arcaica são descritos e resumidos por Tiza (2004, p.276) como:

nas grandes fogueiras do Natal e do Ano Novo vislumbra-se o louvor ao Sol, o pagão da antiguidade, e o cristão do Nascimento; pela ostentação de tudo quanto a terra produz, o homem rural apela à fecundidade da Natureza, ofertando o que tem de melhor à divindade; os ritos de passagem destacam-se nas festas protagonizadas pelos jovens, pelo uso da máscara, pela complexidade de jogos e cerimónias executados entre os mascarados e em interação com a comunidade, pelas provas a que são submetidos e pela disciplina que se contrapõe à desordem ficticiamente por eles instalada, para que a ordem possa ser reposta no seu lugar; pelo culto ao pão recorda-se todo um ano inteiro de trabalho e agradece-se aos santos essa dádiva que simboliza todo o alimento necessário à vida; a permissividade dos mascarados, demoníacos que sejam considerados, que permitem a ligação aos mortos, a

purificação da comunidade e o afastamento dos males sociais, pelo período de um ciclo anual, até que entrem de novo no exercício das suas funções mágicas; na luta dos opostos, assumida por várias das figuras míticas, o mal foi vencido e afastado para longe do povo, até voltar no ano seguinte, e o bem tomou conta do colectivo social; a música e a dança, transmitidas pelas gerações de antepassados, permitem o estabelecimento da comunicação entre os membros da comunidade e definem os limites da diversão; a emulação estimula os jovens participantes e os seus líderes a executarem os rituais festivos na perfeição, para que aquele acontecimento seja sempre melhor que os precedentes; as palavras rituais são ditas em tom oratório, dramático e poético para assim produzirem os efeitos desejados, que tanto podem ser de crítica purificadora como de louvor à autoridade festiva e à divindade; o canto é sempre honorífico para com os santos e a divindade e de boas-vindas aos homens no momento da entrada do novo ciclo anual; o sacrifício ritual dos animais é quase sagrado; por ele se torna possível a festa em honra dos santos e o convívio colectivo dos humanos; as personagens mágicas desenvolvem ritos de uma simbologia tão profunda que podemos compará-las a sacerdotes de religiosidade popular dos povos que os mantêm no seu seio e que distingue indelevelmente as festas do Inverno em Trás-os-Montes (Tiza, 2004, p.276).

A concluir por tudo quanto ficou testemunhado, pode afirmar-se que os costumes, hábitos e tradições em terras transmontanas prevalecem e marcam intimamente as suas gentes e as suas terras, no seu culto tão próprio, na harmonia e comunhão mantida entre as populações dos povoados rurais.

É esta tradição que se quer aqui deixar registada, difundida pelas aldeias do Nordeste Transmontano, mas harmonizada no seu substancial, não deixando que caia no esquecimento, que seja assim provida de divulgação e preservada como de autêntico e único que se vive no Solstício de inverno, o que leva a um olhar sobre algumas das portas que se abrem e dão acesso ao segredo vivido nas “Saturnais” neste inverno transmontano.

À região do Nordeste Transmontano interessam visitantes e turistas de perfil orientado para o turismo cultural e na natureza que compreendam a todo o momento as consequências culturais, ambientais, económicas e sociais da sua interação com o meio. É vantajoso que se identifiquem e respeitem os valores culturais e naturais da região porque é este o *feedback* que recebe quem os acolhe.

Acautelando as devidas consequências, positivas ou negativas, da interação através das figuras do planeamento é possível conceber produtos e serviços rentáveis dos quais resulte a paralela maximização dos rendimentos e a mitigação dos riscos.

Resolver problemas e adequar produtos a territórios de montanha é complexo. Contudo, uma abordagem correta à problemática da sensibilidade que lhes é característica deve ser isenta de preconceitos e posições extremadas.

A solução nunca passará também pelo isolamento e proibição do usufruto material do território. *“Planning and management need to reflect a balanced approach to how natural resources are used and include local communities in the development process. (...) Often it is only tourism that will provide the conservation of these areas”* (Newsome et.al, 2002: 20/21)

Os rituais e tradicionais festividades apresentadas neste estudo resultam de um exercício de análise das potencialidades endógenas da região. Diferem em muito daquilo que é realizado noutras regiões do país, dadas as características locais e regionais que lhes conferem autenticidade e vantagens competitivas. Torná-las numa atração turística é possível, apenas sendo necessária visão, planeamento, uma forte aposta no *marketing* de destinos e meios financeiros. Para o aumento da rendibilidade importa a atração de maiores fluxos turísticos e o consequente incremento da projeção do território. Esta orientação deve ser objeto de uma estratégia seguida pelos *stakeholders*, por exemplo, sob forma de parceria público privada (PPP), duradoura e mutuamente benéfica.

Para ultimar, atenta-se que estes rituais festivos poderão ter impactos económicos, quer diretos quer indiretos, proporcionam empregos, convite ao investimento público e privado, desenvolvimento de infraestruturas e auxílio na projeção do Nordeste Transmontano como destino turístico sustentável. Dinamizam o sector do turismo, a nível cultural, etnográfico, paisagístico, natural, de alojamento, restauração e comércio, atraindo visitantes e turistas oriundos de todo o país e do estrangeiro. O que consentirá encaminhar e transferir um retorno social e económico ao território, impulsionando a atividade turística, projetando e lançando a imagem da região tanto do ponto de vista nacional como internacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, B. (1981) “As Festas dos Rapazes na Lombada”, em *Brigantia*, vol.1, nº 2, julho-setembro, Bragança, pp.25-37.
- Afonso, F. (1995) “Os «dias santos» do Natal e as «galhofas» em terras de Vinhais”, em Actas do Congresso *A Festa Popular em Trás-os-Montes*, Bragança, Edições Nordeste, pp.149-166.
- Alves, F. (2000) Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança, Tomo IX, Bragança, Reedição do Museu do Abade de Baçal.
- Bragada, J. (1992) “Festas de Santo Estevão em Grijó de Parada”, em *Brigantia*, vol.12, nº 2, abril-junho, Bragança, pp.99-110.
- Bragança, C., Zamora, D. e Tiza, A. (2009) *Máscaras da Província de Zamora, do Nordeste Transmontano e Douro (Estudo antropológico)*, Bragança, Bringráfica.
- Carvalho, C. e Pereira, R. (1995) “Festas de Santo Estêvão”, em Actas do Congresso *A Festa Popular em Trás-os-Montes*, Bragança, Edições Nordeste, pp.167-170.
- Cunha, L. (2006) *Economia e Política do Turismo*, Lisboa, Editorial Verbo.
- Torre, O. (1992) *El Turismo, Fenómeno Social*, Mexico: Fondo de Cultura Económica.
- Dicionários Editora (s.d.) *Dicionário da Língua Portuguesa*, 5ª ed., Porto, Porto Editora.
- Godinho, P. (1995) “Ser rapaz, ir à Festa”, em Actas do Congresso *A Festa Popular em Trás-os-Montes*, Bragança, Edições Nordeste, pp.81-92.
- DHV Tecnopor (2006) *Guia da Rota da Terra Fria*, Bragança, Associação de Municípios da Terra Fria Transmontana.
- ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, (2014), NATUREZA E ÁREAS CLASSIFICADAS - Áreas Protegidas - Parques Naturais - Parque Natural de Montesinho- História | Cultura [Online] Lisboa, Portugal Disponível em <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/ap/p-nat/pnm> (Acedido em 11 de janeiro de 2014).
- ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, (2014), NATUREZA E ÁREAS CLASSIFICADAS - Áreas Protegidas - Parques Naturais - Parque Natural de Montesinho- Geologia | Hidrologia | Clima [Online] Lisboa, Portugal Disponível em <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/ap/p-nat/pnm> (Acedido em 11 de janeiro de 2014).
- Loução, P. (2002) *A Alma Secreta de Portugal*, Lisboa, Ésquilo.

- Maciel, B. (2011) *Festivais de Música e Turismo. Dois estudos de caso: Les Aralunaires e Milhões de Festa*, dissertação de mestrado, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Maciel, S. (1998) *A Máscara de Ousilhão (Vinhais). Uma leitura antropológica e metafísica*, Vinhais, Gabinete de Arqueologia e Património da Câmara Municipal de Vinhais.
- Maciel, S. (2008) *As Máscaras Transmontanas. Dos Contrastes Antropológicos às Confluências Filosóficas*, tese de doutoramento, Braga, Universidade do Minho.
- Marques, J. (2007) *Introdução à Hotelaria*, Porto, Civilização Editora.
- Martins, P.<sup>E</sup> F. (1987) *Folklore Do Concelho De Vinhais*, vol.1, Vinhais, Câmara Municipal de Vinhais.
- Martins, P.<sup>E</sup> F. (1997) *Folklore Do Concelho De Vinhais*, vol.2, Câmara Municipal de Vinhais.
- Ministério do Turismo do Brasil (s.d.) *Turismo Cultural* [Online]. Disponível em [www.turismo.gov.br/turismo/programas\\_acoes/regionalizacao\\_turismo/estruturacao\\_segmentos/turismo\\_cultural.html](http://www.turismo.gov.br/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/estruturacao_segmentos/turismo_cultural.html) (Acedido em 05 de novembro de 2014).
- Ministério do Turismo do Brasil (2008) *Turismo Cultural: Orientações básicas* [Online]. Disponível [http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Livro\\_\\_Cultural.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Livro__Cultural.pdf) (Acedido em 28 de outubro de 2015).
- Newsome, D., Moore, S. e Dowling, R. (2002) *Aspects of Tourism, Natural area tourism ecology, Impacts and Management*, Sydney, Channel View Publications
- Neves, J. (2012) *O Papel dos Eventos no Reforço da Atractividade Turística de Cabo Verde - (O caso da cidade da Praia)*, dissertação de mestrado, Estoril, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.
- Organização Mundial do Turismo (1999) *Guía para Administraciones Locales: Desarrollo Turístico Sostenible*, Madrid, Espanha, OMT
- Organização Mundial do Turismo (2005). *City Tourism & Culture – The European Experience* [Online]. Disponível em <http://81.47.175.201/stodomingo/attachments/article/122/CityTourismCulture.pdf> (Acedido em 28 de outubro de 2015).
- Pedro, F., Caetano, J., Christiani, K. e Rasquilha, L. (2005) *Gestão de Eventos*, Quimera
- Pereira, B. (1973) *Máscaras Portuguesas*. Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar .

- Pereira, B. (2003) “Máscaras Portuguesas” em Ferreira, H. e Perdigão, T. *Máscaras em Portugal*, Lisboa, Mediatexto, pp.8-15.
- Pires, E. (2004) *As Inter-relações Turismo, Meio Ambiente e Cultura*, Bragança, Instituto Politécnico de Bragança.
- Raposo, P. (2004) “«Do ritual ao espetáculo. “Caretos”, intelectuais, turistas e média»” em Silva, M. *Outros Trópicos. Novos Destinos turísticos, Novos Terrenos da Antropologia* [Online] Lisboa, Livros Horizonte, pp.1-23. Disponível em [www.ceas.iscte.pt/artigos/raposo\\_2004\\_ritual.pdf](http://www.ceas.iscte.pt/artigos/raposo_2004_ritual.pdf) (Acedido em 21 de março de 2015)
- Ribeiro, J., Vareiro, L., Fabeiro, C. e Blas, X. (2005) “Importância da Celebração de Eventos Culturais para o Turismo do Minho-Lima: Um estudo de Caso”, *O Papel das Universidades no Desenvolvimento das Regiões*. Faro, 16–18 de Setembro de 2005. [Online]. Disponível em [www.apdr.pt/siterper/numeros/RPER11/art03\\_rper11.pdf](http://www.apdr.pt/siterper/numeros/RPER11/art03_rper11.pdf) (Acedido em 03 de novembro de 2014)
- Rodrigues, C. (2012) *O Turismo de Eventos Culturais em Lisboa - Santos Populares*, dissertação de mestrado, Estoril, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.
- Sarmento, J. (2007/13). “*Festivais de Música de Verão: artes performativas, turismo e território*”. Série Investigação 2007/13, Guimarães, Universidade do Minho.
- Seleções do Reader’s Digest (1982) *À Descoberta de Portugal*, Porto, Ambar.
- Silvano, M. (2006), “*O turismo em áreas rurais como factor de desenvolvimento. O caso do Parque Natural Montesinho*”, dissertação de mestrado, Aveiro, Universidade de Aveiro.
- Simões, M. (2012) *Os Eventos e a Atractividade e Competitividade Turística das Cidades: O Caso de Lisboa*, dissertação de mestrado, Estoril, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.
- Tiza, A. (1995) “ “ O Mascarado – suas funções nas festas Inverno” ”, em Actas do Congresso *A Festa Popular em Trás-os-Montes*, Bragança, Edições Nordeste, pp.189-196.
- Tiza, A. (2003) “Máscaras e Festas no Nordeste Transmontano” em Ferreira, H. e Perdigão, T. *Máscaras em Portugal*, Lisboa, Mediatexto, pp.16-25.
- Tiza, A. (2004) *Inverno Mágico. Ritos e Mistérios Transmontanos*, Lisboa, Ésquilo.
- Tiza, A. (2013a) *Mascaradas e Pauliteiros. Etnografia e educação*, Lisboa, Eranos.
- Tiza, A. (2013b) *Mascaradas e Danças Rituais. Ritos ibéricos do solstício de Inverno*, 2ª ed., Lisboa, Eranos.

Tiza A. e Gutiérrez, J. (s.d.) *Catálogo “Máscara Ibérica”*, Bragança, Câmara Municipal de Bragança.

Turismo de Portugal (2008) *Conceitos Estatísticos Turismo* [Online]. Disponível em [www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ProTurismo/estat%C3%ADsticas/conceitosno%20menclaturas/Documents/Conceitos%20Estatisticos%20para%20Turismo.pdf](http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ProTurismo/estat%C3%ADsticas/conceitosno%20menclaturas/Documents/Conceitos%20Estatisticos%20para%20Turismo.pdf) (Acedido em 21 de março de 2015).